Maria José de Melo e Alvim Aguiar

Caderno Narrativo:
Sugestões ao processo (auto)formativo do coordenador pedagógico

Capa elaborada pela pesquisadora com imagens públicas.

Universidade Federal do Maranhão – UFMA
Agência de Inovação, Empreendedorismo, Pesquisa,
Pós-Graduação e Internacionalização – AGEUFMA

Centro de Ciências Sociais – CCSO
Programa de Pós-Graduação em Gestão de
Ensino da Educação Básica – PPGEEB

Produto Educacional vinculado a dissertação de estudo de mestrado:
"Costurando narrativas pelos fios da coordenação pedagógica
em contexto curricular da Educação Infantil"

Orientadora: Profa. Dra. Maria José Albuquerque Santos

Caderno Narrativo:
Sugestões ao processo (auto)formativo do coordenador pedagógico

Maria José de Melo e Alvim Aguiar

São Luís
2021

Autorizo para fins de estudo e de pesquisa, a reprodução e a divulgação total ou parcial deste produto educacional em meio convencional ou eletrônico,
desde que a fonte seja citada.

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pela autora.
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

ALVIM AGUIAR, Maria José de Melo e. Caderno Narrativo: Sugestões da perspectiva autobiográfica ao processo autoformativo do coordenador pedagógico / Maria José de Melo e Alvim Aguiar. - 2021. 89 p.

Orientador(a): Maria José Albuquerque Santos. Programa de Pós-graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica/ccso, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.

1. Coordenação Pedagógica. 2. Currículo. 3. Narrativa Autobiográfica.

I. ALBUQUERQUE SANTOS, Maria José. II. Título.

Universidade Federal do Maranhão – UFMA
Avenida dos Portugueses 1966 - Vila Bacanga, São Luís - MA, 65080-805

A quem dedicar?

Acreditando que toda dedicação

se reveste de gratidão!

Expresso minha gratidão dedicando esse sentimento à toda pessoa, de qualquer idade, em todo tempo que permite ser (re)tocada pelos ensinos que a vida traz!

AGRADECIMENTOS SEM FIM...

A Deus, pela imensurável misericórdia e amor a cada dia! Glórias eternais à Salvação em ***Jesus Cristo****.*

Às ***Coordenadoras Pedagógicas*** *da Rede Municipal de Educação de São Luís – MA, pela gentileza, presteza, solidariedade e o compartilhamento de narrativas e experiências.*

À ***minha mãe****, por me ensinar os tantos valores indispensáveis ao bem viver!*

À ***minha família****, perfeita para mim!*

Aos meus queridos e estimados professores: ***José Carlos de Melo*** *e* ***Maria José Albuquerque Santos*** *e tantos outros, que guardados na lembrança, têm meu apreço e meus sinceros agradecimentos por me ajudarem a desbravar os possíveis caminhos das pesquisas e estudos científicos.*

À ***UFMA****, com o Mestrado Profissional sob a mediação do* ***PPGEEB****, por sua política educacional que desafia o mestrando a sistematizar um Produto Educacional e buscar teoria e prática nas pesquisas.*

Uma lembrança, um agradecimento particular...

As nossas Coordenadoras Pedagógicas
Que fizeram, fazem e farão nossa
Educação Infantil
com afinco, solidariedade,
responsabilidade,

Uma admiração particular...
Pelo amor sentido,
Pelo percurso registrado,
Pelo aprendizado ampliado,
Pelas reflexões autorrefletidas,
Pela genuína colaboração dessas
profissionais nesse trabalho.

Um Abraço Pedagogicamente Grande!
Maria José de Melo e Alvim Aguiar

COORDENADORAS PEDAGÓGICAS

COLABORADORAS DO PRODUTO EDUCACIONAL

Emmanuelle Costa da Silva

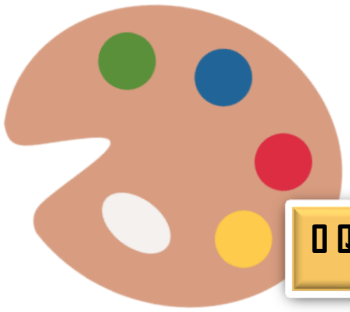
Maria Hermínia Cantanhede Coelho Cardoso

Silvia Tereza Martins Sousa (Silvinha)

Tia Belonguina

Betânia

Universidade Federal do Maranhão – UFMA
Avenida dos Portugueses 1966 - Vila Bacanga, São Luís - MA, 65080-805



O QUE ENCONTRAR NO CADERNO NARRATIVO?

Além da doçura que a nobreza narrativa autobiográfica nos proporciona,

Há cheiro de carinho, sabores de memórias, olhar reflexivo, e tantas, tantas coisas.... Que as palavras, as emoções, os sentimentos, as perspectivas, as expectativas, as tristezas e as conquistas

Há um mix de saberes e emoções que só as linhas, as entrelinhas, o por trás das linhas e o além das linhas, não dão conta! Por isso, convido a se despir de suas razões ...

Apenas desfrute e percebe quantas coisas o outro tem a nos dizer, a nos ensinar, a falar e a ouvir...

Desejo um encontro pedagogicamente narrativo para ser autoformativo!!!

ÍNDICE

Apresentação 11

1 Alinhavando uma introdução: Os primeiros fios da costura 13

2 Narrativa autobiográfica: um ligeiro passeio pelas cartas e oficinas educativas 15

3 Ateliê Narrativo: pensando na formação continuada 22

I Para início de conversa 24

II A memória como impulso à escrita 27

III A Persistência da Memória 28

IV Os retalhos que nos compõe 30

V Musicalizando as memórias 32

VI Reflexão Circulante: pensando sobre si 35

VII Círculo Reflexivo 39

VIII Costurando um tecido na coordenação pedagógica 41

IX – Quem sou eu 43

4 Cartas do coordenador pedagógico: memórias narrativas .....

Carta III - 1 51

Carta III – 1.2 53

Carta III – 2 55

Carta III – 3 57

Carta III – 4 59

Carta III – 5 60

Carta III – 5.2 62

Carta IV – 1 63

Carta IV – 2 64

Carta IV – 3 65

Carta V – 1 67

Carta V – 2 68

Carta V – 3 70

Carta V – 4 72

Carta V – 5 73

Arremate final 74

Referências 76

APRESENTAÇÃO

Prezados leitores,
apreciadores de **histórias** e sobretudo coordenadores **pedagógicos**
Cidade dos Sonhos,
Dia de flores,
Mês dos babaçus,
Ano das árvores

Imagem google.com

Nosso percurso de estudo visa trabalhar com as histórias contadas pelos coordenadores pedagógicos da rede pública em escolas da Educação Infantil de São Luís, esquadrinhando suas percepções, olhares e sentidos para identificar e conhecer os desafios que cerceiam suas ações pedagógicas no exercício de suas atividades ou de conquistas no desenvolvimento.

Um projeto de pesquisa intitulado de "Narrativas do Coordenador Pedagógico" subsidia o estudo dissertativo - "Costurando narrativas pelos fios da coordenação pedagógica em contexto curricular da Educação Infantil" vinculado ao curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica – PPGEEB e aprovado no Comitê de Ética (CEP) da Universidade Federal do Maranhão - Agência de Inovação, Empreendedorismo, Pesquisa, Pós-graduação, Internacionalização (AGEUFMA).

O referido estudo gerou este produto educacional como fruto investigativo da pesquisa autobiográfica cuja recolha de informações, deu-se por meio de cartas enviadas por e-mail. O produto educacional foi pensado e elaborado pela mestranda Maria José de Melo e Alvim Aguiar sob orientação da professora Dra. Maria José Albuquerque Santos em conjunto com a colaboração direta de coordenadores pedagógicos que se prontificaram a participar da pesquisa, escrevendo a partir de suas memórias, suas apreensões, desafios e conquistas no desenvolvimento das atividades de coordenação.

Compreendemos que esse projeto de pesquisa não se finda nesse trabalho, mas se configura como via a futuras e novas investigações possíveis de serem continuadas, tendo em vista o Caderno Narrativo ser um instrumento de pesquisa-formação com textos epistolares autobiográficos que refletem o olhar e a experiência da coordenação pedagógica rememoradas no decurso de sua vivência.

Desejamos:

Uma ótima leitura...

Um ótimo pensar...

E um potente refletir...

Imagem: Jane Massey
Fonte: Instagran – janemasseyillustration

1. ALINHAVANDO UMA INTRODUÇÃO: os primeiros fios da costura

Pensar um caderno narrativo como produto educacional que colabore com atividades de coordenação pedagógica no espaço da Educação infantil é deparar-se com o desafio de conhecer o coordenador, sua conquistas, afetos, reminiscências, aprendizados que se interligam na vida e compõem o processo formativo de aprendizado e desenvolvimento pessoal e profissional por suas experiências.

Para situar o lócus de trabalho do CP criamos um endereço hitotético: rua da esperança, nº 1000, bairro dos Desejos, cidade dos Sonhos, CEP 65-1000-000; destinatário - Unidade de Educação Infantil Abelha Rainha. remetente - caderno narrativo.

Temos um delicioso fiar, materializado pelas linhas autobiográficas, alinhavando as cartas como instrumento comunicacional de escrita e socialização de experiências para o tempo presente quanto para futura pesquisas. As trajetórias do coordenador, situam-se nesse fiar e a oficina pedagógica surge como proposta à autoformação em meio uma formação continuada. Por isso, temos o tópico "Narrativa autobiográfica: um ligeiro passeio pelas cartas e oficinas educativas".

A narrativa autobiográfica como proposta para trabalhar um processo formativo nos desafia a idealizar sua viabilização e contribuir com o desenvolvimento do profissional, por isso, temos o tópico "Ateliê Narrativo: pensando na formação continuada" sugerimos possíveis formas de processar uma formação visando resgatar as memórias e solidificar a importância da escrita autobiográfica.

As cartas das coordenadoras pedagógicas, que participaram da pesquisa "Cartas do coordenador pedagógico" e subsidiaram o estudo dissertativo "Costurando Narrativas pelos fios da coordenação pedagógica em contexto curricular da Educação Infantil", estão elencadas integralmente no tópico "Cartas do coordenador pedagógico: memórias pedagógicas".

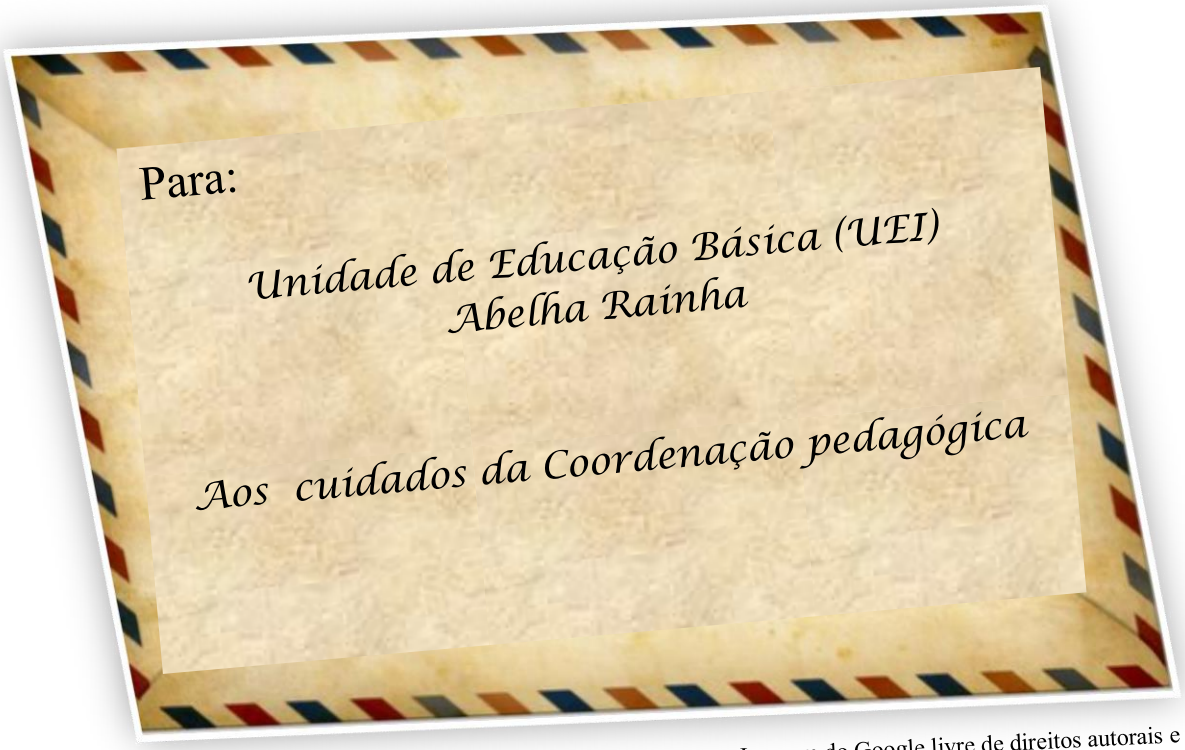


Imagem do Google livre de direitos autorais e adaptada pela autora

2. Narrativa autobiográfica: um ligeiro passeio pelas cartas e oficinas educativas

Se perguntarmos: o que é narrativa? Muitas respostas se apresentariam como: conto, histórias. De fato, a narrativa, apresenta-se como diversas formas do gênero literário que lhe são peculiares: fábula, suspense, poesia, comédia, cinema, teatro, espetáculo; e, oral, escrita ou gestual, biográfica ou autobiográfica.

O que aprendemos, ensinamos, criamos e recriamos; o que vivemos, revivemos ou pensamos em viver são frutos de histórias desejadas ou vividas, situações que vimos, lembramos, sentimos, absorvemos, experienciamos, tocamos ou somos tocados, concreta ou imaginariamente, estão em nós nos constituindo como sujeitos de memórias, pensamentos, criatividade.

A narrativa se apresenta como elemento estruturante da história humana, contém informações, conhecimentos e saberes, traz conteúdos, sequencia momentos, relata eventos, audita acontecimentos e fatos assim, como cria histórias e impressões. As narrativas exercem poder social no relatar ou no inventar, ela está presente do passado ao futuro em uma ação contínua e dialética, influenciando e sendo influenciada no ato de recontar. As memórias: individual e social, são portadoras de conteúdos, informações, reminiscências, percepções, olhar emitido por diversos ângulos, intercambiado por experiências, emoções, entendimentos, herdados de culturas vividas.

A busca pelos conhecimentos implicados nas experiências do educador caracterizam a perspectiva narrativa, cujo movimento Virada Narrativa protagoniza um novo decurso científico a fim de ter nas autobiografias, histórias de vida ou biografias formas de recolher informações para um fazer científico que prime pelo sujeito como um todo, entrelaçado pela singular pessoalidade como também, pelas influências sociais. Souza (2007) faz uma clara referência à autobiografia como método adoto no processo de investigação e formação que os sujeitos se envolvem.

A narrativa, segundo as análises de Cunha (1997) assume dupla dimensão: investigação da pesquisa - usado como instrumento para coleta de dados, nas histórias, sentimentos, pensamentos, experiências, legitimando o humano enquanto sujeito narrador e de narrativas; como também a dimensão do ensino - instrumento de formação, interessando a esse campo epistemológico, o processo em que as narrativas são construídas. Assim, nossa pesquisa se constrói junto ao coordenador pedagógico tendo suas autobiografias escritas em cartas que

denominamos de “carta autobiográfica”, constituindo-se como instrumento de investigação de possibilidade formativa.

Ao buscar a história do coordenador pedagógico estabelecemos uma relação de colaboração com o sujeito que reflete sobre si, narra sobre si, em suas múltiplas situações de tempo-espaço, produz conhecimento na reflexividade dialética, transpõe a temporalidade e evoca memórias sinalizadas nas experiências, o que implica em conhecimento socialmente construído no decurso da vida formativa.

O desafio em alcançar a experiência do coordenador pedagógico, está em compreender o sentido da ação pedagógica implícita em suas atividades.

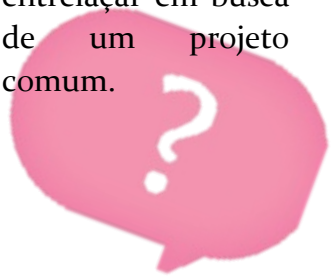
Em suma, a escrita narrativa incide na formação continuada de um processo reflexivo em que o coordenador pedagógico rememoriza o vivido com base no presente, com prospecto ao futuro, identifica experiências, constrói ou reconstrói aprendizados, reconhece dificuldades, desafios, avanços, conquistas ou não.

As Narrativas como recurso para reconhecer as singularidades das atividades do CP impinge em uma relação próxima de confiabilidade e perpassa por processo ético em detrimento das singularidades, impressões, valores, histórias pessoais que entremeiam as relações e compõe subjetividades.

Por esse motivo pensamos em trazer para o meio desse desafio, as cartas como um instrumento de notória familiaridade no processo formativo do coordenador pedagógico que tempos e outros, envolve-se com projetos com cartas, ou as utiliza em suas formações.

Diferentes formas se impõem a contextos em que majoritariamente podemos ouvir, ler, escrever, interagir com outro. Os epistolares não divergem dessa concepção, pelo contrário reforçam a ideias, mas no campo educacional aprende que as singularidades de cada um são pressupostos para se entrelaçar em busca de um projeto comum.

> Será um “novo normal” que se apresenta ao mundo, ou será mesmo o retorno às lacunas de uma normalidade atropelada por inconstâncias e esvaziamentos das narrativas sociais e pessoais que se perderam ao longo do legado histórico e cultural em que a sociedade contemporânea se forja?



As histórias nunca podem ser esquecidas, é imprescindível desenvolver a capacidade às muitas e possíveis experiências dadas no campo pessoal ou social. Isso porque, pr entender que a pluralidade faz parte da humanidade. Kramer (2000) pontua que o res reconhecimento do outro são os elementos vitais de todo o processo educativo.

Pelas abordagens epistemológicas que expomos no transcorrer dessas linhas, destacamos o necessário estabelecimento dos vínculos dialógicos sobre o trabalho da coordenação no espaço infantil de educação: dificuldades, acertos, desafios, aparecem nas autobiografias discorridas pelos coordenadores da rede municipal, para contribuir com desenvolvimento do trabalho formativo na Educação Infantil.

Assumimos a ideia defendida por Souza e Fornari (2005) que "a formação deve partir do diálogo consigo e com o mundo, na busca da autenticidade em nossas experiências" (p.110) e adotamos o **círculo pedagógico**[1] como estratégia subliminar como princípio dialógico na formação na inter-relação no processo educativo, viabilizando a horizontalidade na discussão, no antagonismo e tensões dialéticas das relações, possibilitando o exercício da gestão democrática com fim a construção de uma proposta educacional.

A utilização do círculo pedagógico[2] como estratégia colaborativa e dialógica para formação pedagógica é aceita junto a oficina pedagógica, enquanto forma de desenvolver momentos formativos com coordenadores. Por isso, seguimos incorporando o círculo pedagógico situando o que a **oficina pedagógica** tem a contribuir com nossa proposta formativa. Para tanto, exige-se nesse momento uma parada para compreender o aporte teórico referendado em Paviane e Fontana (2009, p. 78) para concebermos essa oficina.

Temos a oficina pedagógica uma estratégia didática usada para fomentar o desenvolvimento educacional a partir da construção coletiva do conhecimento, da partilha de experiências e socialização de saberes. Torna-se, portanto, um espaço propício para se visualizar e vivenciar teoria e prática como unidades indissociáveis do conhecimento experiencial.

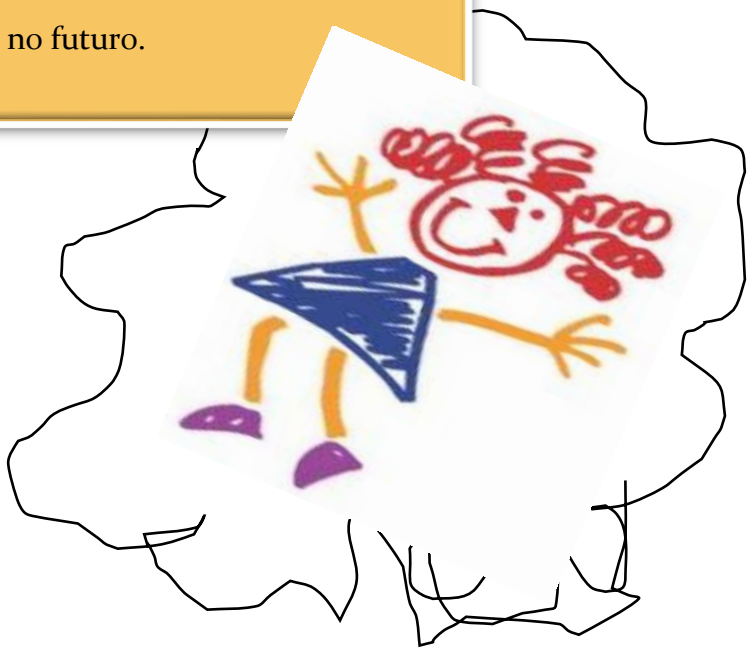
Portanto, a oficina pedagógica deve ser compreendida como um espaço de autoformação e autorreflexão proporcionador de ensino e aprendizagens individual e coletivo na integração e interação de experiências que robustecem a aplicabilidade de conhecimentos para a vida profissional e secular do coordenador pedagógico. "Oficina é uma forma de construir conhecimento, com ênfase na ação, sem perder de vista, porém, a base teórica." (PAVIANI; FONTANA, 2009, p. 78)

A criação de momentos pedagógicos nas oficinas, são os encontros que marcamos, idealizamos, planejamos enquanto pesquisador, formador, mediador do processo de construção do processo formativo, e se configuram como situações didáticas não estanques servindo de reflexão e autorreflexão para os profissionais.

---

[1] Círculo Pedagógico é uma denominação por nós idealizada para trabalhar o diálogo como estratégia discursiva, inspirada na roda de conversa.

O trabalho se alinha à perspectiva narrativa de cunho autobiográfico por permitir refletir, construir pensamentos em que o pesquisador/formador possa interagir com coordenador/narrador, mediando a relação de rememoração por meio de uma problematização desenvolvida para conectar o passado ao presente e pensar no futuro.



Compreendido a concepção de oficina pedagógica propomos desenvolver a formação continuada dos coordenadores com momentos pedagógicos seguindo essa base teórica, denominando o espaço de formação de **Ateliê Narrativo** – o espaço de construção de escritas, de reflexões, ativação da memórias do percursos e das atividades vividas na Educação infantil pelo coordenador pedagógico, buscando partilhar reconhecer suas experiências, socializa-las com outros, aperfeiçoar conhecimentos e ampliar aprendizagens.

Por fim, ousamos querer ouvir histórias silenciadas, opiniões não consideradas, necessidades ignoradas, escritas descartadas e reflexões não mediadas ao longo de um processo em que aprendizagem é fator preponderante de uma contínua formação. Temos o direito histórico de conhecer as reminiscências de um transcurso marcado por ruínas esquecidas, por estilhaços perdidos nas dobras do tempo e nas miudezas do olhar..., criamos espaço, viajamos no tempo, enveredamos por contextos das pequenas narrativas como alguém que cava a procura de um tesouro que não sabe que está no esconderijo empilhado da memória.

P A U S A !

Apreciando o poema “Fontes” de Manoel de Barros pela iluminura de Martha Barros

Fonte: Iluminura de Martha Barros do livro Memórias Inventadas [...] de Manoel de Barros (2008)

FONTES
Manoel de Barros

Três personagens me ajudaram a compor estas memórias.
Quero dar ciência delas.
Uma, a criança; dois, os passarinhos; três, os andarilhos.
A criança me deu a semente da palavra.
Os passarinhos me deram desprendimento das coisas da terra.
E os andarilhos, a preciência da natureza de Deus.
Quero falar primeiro dos andarilhos,
do uso em primeiro lugar que eles faziam da ignorância.
Sempre eles sabiam tudo sobre o nada.
E ainda multiplicavam o nada por zero –
o que lhes dava uma linguagem de chão.
Para nunca saber onde chegavam.
E para chegar sempre de surpresa.
Eles não afundavam estradas, mas inventavam caminhos.
Essa a pré-ciência que sempre vi nos andarilhos.
Eles me ensinaram a amar a natureza.
Bem que eu pude prever que os que fogem da natureza um dia voltam para ela.
Aprendi com os passarinhos a liberdade.
Eles dominam o mais leve sem precisar ter motor nas costas.
E são livres para pousar em qualquer tempo nos lírios
ou nas pedras - sem se machucarem.
E aprendi com eles ser disponível para sonhar.
O outro parceiro de sempre foi a criança que me escreve.
Os pássaros, os andarilhos e a criança em mim são meus colaboradores destas
Memórias inventadas e doadores de suas fontes.

Imagem: Jane Massey
Fonte: Instagran - janemasseyillustration

"Que memórias?
As minhas,
que trago na composição de meu ser,
nas escolhas e percursos,
nas marcas
e nos rastros deixados
e lembrados como experiências
idiossincráticas de mim.
Essas não quero esquecer,
essas, preciso escrever."
(Maria José de Melo e Alvim Aguiar)

3. Ateliê Narrativo: pensando na formação continuada

O Ateliê Narrativo é proposto como um espaço de encontro virtual ou presencial visando escrita autobiográfica por meio de gatilhos que desencadeiam o despertar da memória do coordenador pedagógico, intencionando seu envolvimento e motivação à rememoração de experiências sobressalentes do coordenar no espaço da Educação Infantil com vistas a construção de narrativas que o conduzem a autoformação por ser pensada a luz do conhecimento e saberes compartilhados consigo e com outros.

A narrativa é potência formativa, porque aprendemos conosco mesmo e com outros quando rememoramos e refletimos nosso processo de vivência. A narrativa é usada para conhecer, entender, compreender elementos que se imbricam na história vivida, como componentes de um processo social em que todo ser humano está inserido e construído pelo sentir, pelo ouvir, pelo ler, pelo ver, o legado e a herança do meio são mediados e fazem parte da narrativa.

Como defende Benjamin (1987), resgatar a narrativa que se forja nas experiências está para além da informação que se esvai sempre após ser comunicada. A narrativa, ao contrário, fica porque traz consigo elementos vivos do presente que se encontram com o passado.

Apresentamos sugestões que podem ser trabalhadas no Ateliê Narrativo, visando conhecer o coordenador pedagógico e afunilar sua relação com sua memória junto à escrita autobiográfica. A música, história, poesia, artes, esquetes, brincadeiras, fotografias, são instrumentos exmanentes [2] que usamos como recursos para desengatilhar memórias e promover escrita autobiográfica. Essas questões são exemplificadas como desencadeadoras do resgate memorialístico. Podendo ser, assim, usadas como instrumentos de formação para escrita narrativa, autobiográfica. Dessa forma, sugerimos o uso de icnografias, música, poesia, textos diversos etc.

[2] Questões exmanentes são explicadas na Seção "2 Mapeando o tecido investigativo: fundamentando a metodologia" da dissertação: Costurando narrativas pelos fios da coordenação pedagógica em contexto curricular da Educação Infantil, a qual expõe a fundamentação posta por Da Silva Souza e Oliveira Cabral (2015).

E, percebemos a preciosidade que o trabalho com narrativas pode contribuir para uma educação que não se desafia diante do acelerado processo de alienação que se forja socialmente, desperdiçando as histórias vividas como elemento emancipador e constituídos do ser humano.

E, percebemos a preciosidade que o trabalho com narrativas pode contribuir para uma educação que não se desafia diante do acelerado processo de alienação que se forja socialmente, desperdiçando as histórias vividas como elemento emancipador e constituídos do ser humano.

Souza (2012, p. 46) assegura que "[...] narrar histórias e contar a vida caracteriza-se como uma das possibilidades de tecer identidade, de compreender como nos tornamos professores e das configurações que nos são forjadas nos nossos percursos de vida-formação".

Apresentamos sugestões que podem ser trabalhadas no Ateliê Narrativo, visando conhecer o coordenador pedagógico e afunilar sua relação com sua memória junto à escrita autobiográfica. A música, história, poesia, artes, esquetes, brincadeiras, fotografias, são instrumentos exmanentes [1] que usamos como recursos para desengatilhar memórias e promover escrita autobiográfica. Essas questões são exemplificadas como desencadeadoras do resgate memorialístico. Podendo ser, assim, usadas como instrumentos de formação para escrita narrativa, autobiográfica. Dessa forma, sugerimos o uso de icnografias, música, poesia, textos diversos etc.

I – Para início de conversa

Se vamos montar um ateliê, precisamos saber quem irá conosco!

Pense em um CONVITE: que retrate sua intensão, seu sentimento, sua emoção de estar com aquele convidado. Demonstre seu respeito sincero em ouvir, em acolher sem julgar, sem se precipitar; mostre sua cumplicidade, ressalte sua sensibilidade com cada história e faça isso consciente de sua responsabilidade em participar da experiência do outro até onde lhe é permitido e autorizado conhecer, sabendo que o outro: seu convidado é seu colaborador, porque é um ser humano que traz consigo marcas por você desconhecidas, e por mais próximo que esteja da história do outro, nunca esteve lá.

Lembra-nos bem de nosso protagonista Pequeno Príncipe, ao mostrar sua jibóia digerindo um elefante não pode ser ignorada e confundida com um chapéu, em meio a frenética corrida das informações e dos afazeres diários, pois como Antoine de Saint-Exupéry (2015) diz: somos responsáveis por aquilo que cativamos. Tudo, exatamente tudo é importante para o narrador.

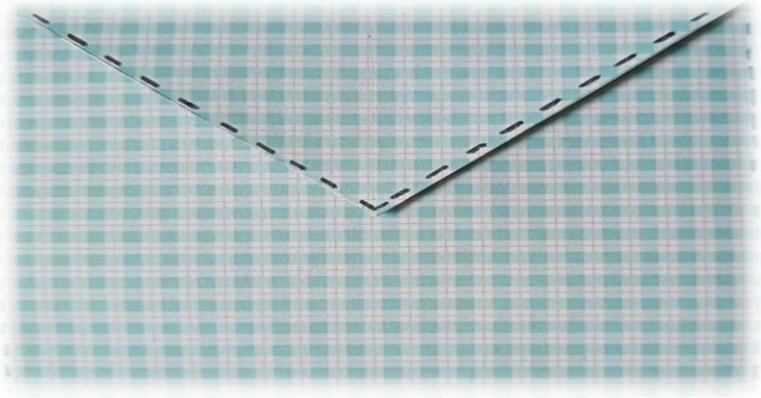
Atente!

Mesmo não usando todas as informações elas não são descartáveis para ninguém, digo, nem para o narrador, nem para o leitor, pesquisador, formador que em outro momento pode necessitar de retornar à narrativa e recolher informações para estudo de si, do outro, do contexto, do espaço-tempo.

Compreendemos isso?

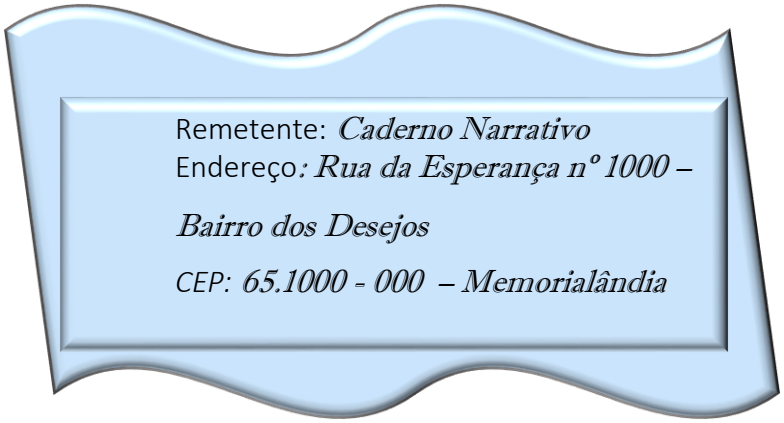
Formalize o convite!

PERSONALIZE SEU INVÓLUCRO! FAÇA UM CRIATIVO ENVELOPE!



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

CRIE SEU ENDEREÇO, APROVEITE O QUE JÁ TEM, ABUSE DA CRIATIVIDADE E SINCERIDADE.



Nossa sugestão para o convite foi com a CARTA CONVITE que pode ser enviada por qualquer meio de comunicação disponível (*e-mail*, *WhatsApp*, entrega pessoal ou por serviço postal).

Lembre-se, cada narrativa, cada sujeito é único!

VAMOS A IDEIA DE UMA CARTA CONVITE!

CARTA CONVITE

Memorialândia, dia presente, do mês passado, do ano futuro

Saudações,
Coordenadora Pedagógica

Prezada colega de trabalho, de formação, de aprendizados, de coordenação pedagógica, de rede municipal na Educação Infantil de São Luís. É com imensa satisfação que lhe escrevo esta carta para convidar Vossa Senhoria a rememorizar experiências que lhe acompanham no decurso dessa trajetória.

Tenho consciência que a voz da coordenação e suas histórias são, de sobremaneira, relevantes para o conhecimento do espaço infantil, como também das atividades de coordenar nesse campo para alicerçar ações futuras, quando passíveis de serem repensadas.

Reconheço os desafios enfrentados e sentidos que, de várias formas, se confrontam com as muitas atribuições de sua profissão, mas saiba que estamos juntos nesse percurso, pois sei dos muitos anos de labuta. E se perguntarmos, quais as turbulências, os naufrágios, e as conquistas dessa viagem no tempo, tenho certeza que não faltarão palavras, mas papel para relatar tantas histórias.

Encerro esta carta convite, ansiosa por rir, chorar, me emocionar, aprender e compartilhar histórias que, de fato. Só quem realmente foi coordenador sabe o valor que tem. Por isso, me ponho como porta-voz, como ouvidora, leitora assídua de suas aventuras memorialísticas, na certeza dos benefícios vividos por você ao se encontrar cada uma de suas memórias.

Obrigada!
Aguardo ansiosamente sua resposta
Caderno Narrativo
(Aos cuidados de Maria José de M. e A. A)

II – A memória como impulso à escrita

Incitar uma vasculha à memória do outro, propondo escritas autobiográficas como ato de reflexão, e, por conseguinte, autoformativa em um processo de formação continuada, faz-se necessário conversar com o coordenador sobre a fundamentação teórica que embasa essa proposta, reconhecendo a memória como recurso para o registro da escrita narrativa.

Iniciamos com uma problemática que questione esse conhecimento:

"Para que serve a escrita de memórias?".

Organize o **círculo narrativo** e escute as opiniões advindas do questionamento. Registre, resumidamente, em um painel de opiniões e deixe-o exposto para poder ser confrontado posteriormente.

Proponha uma **leitura silenciosa** do texto: "Memórias de Emília", de Monteiro Lobato e faça uma **roda de conversa** sobre as impressões provocadas por referido autor.

Vamos agora **compartilhar conhecimento,** momento para o texto acadêmico, abordando o uso da memória na constituição do registro de nossa história de vida: "Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino"[3] de Maria Isabel da Cunha. Introduzimos à discussão do texto uma 2ª problemática: A nossa memória é capaz de nos fazer resgatar histórias que nos tocaram e podem compor escritas narrativas?'.

As descobertas realizadas pelo texto podem ser registradas em forma de narrativa, que o coordenador fará para o Caderno Narrativo, em formato de carta.

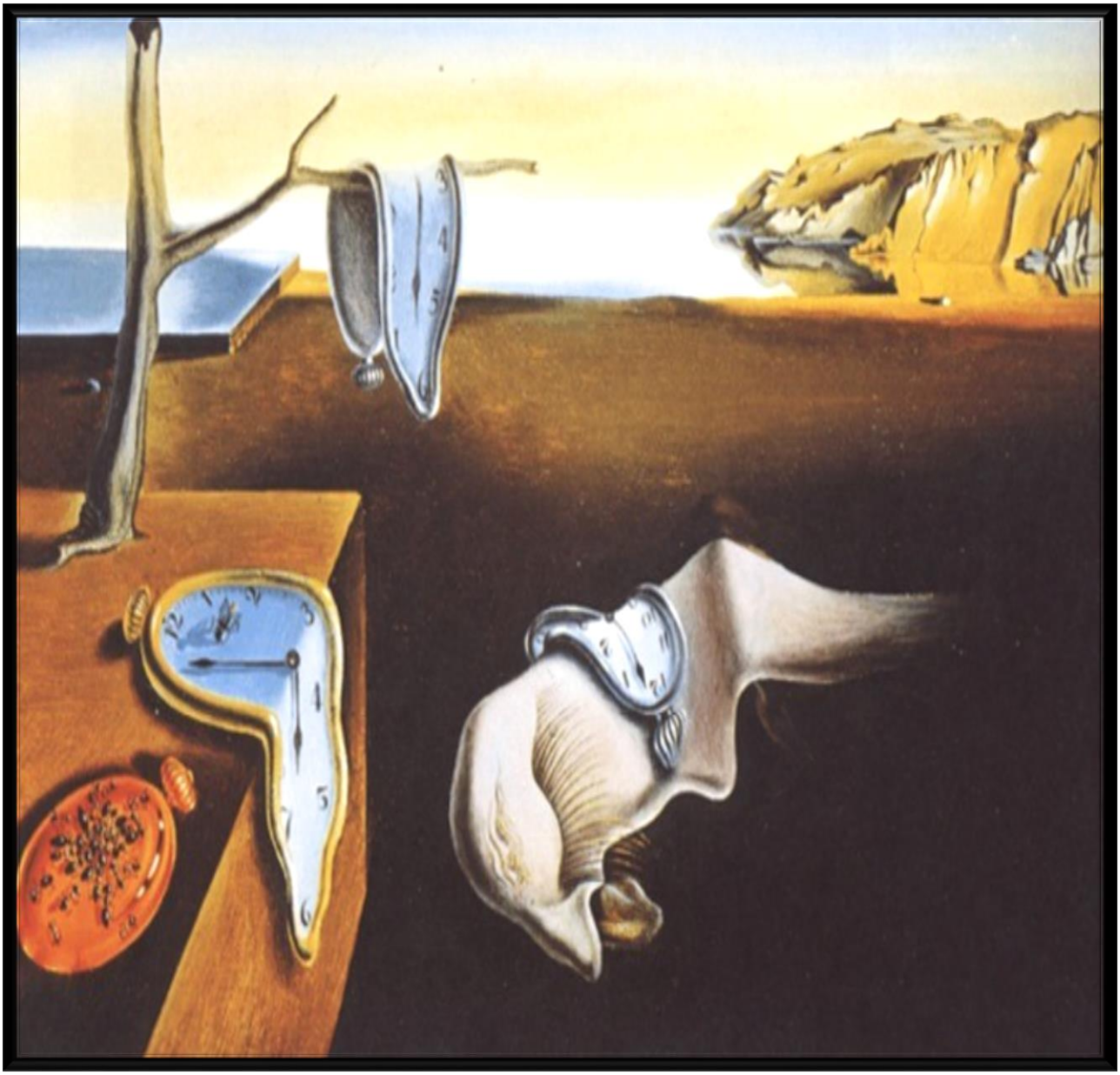
[3] Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551997000100010

III – A Persistência da memória

Separemos por alguns silenciosos instantes a apreciação de uma obra de arte, mostrada ao coordenador enviada por: *whatsapp*, impressão colorida, data show etc.

Tente se ouvir! Observar as sensações provocadas em sua conexão com o espaço e sua atividade profissional!

A P R E C I E !



Agora, vamos expressar emoções, sentimentos ou impressões da obra!

O que sentimos ao ver a imagem?

O que penso sobre a tela e seus elementos, isoladamente e em conjunto?

O que alguém, não necessariamente o Salvador Dali, imaginou ao pintar essa tela?

Caso você recebesse um relógio derretido de presente, que representação faria com sua atividade na coordenação do espaço infantil?

E esse lençol caído no chão, o galho seco da árvore, as moscas e as formigas o que poderiam representar no percurso e no cenário da Educação Infantil?

UMA CONVERSA SOBRE A OBRA!

"A Persistência da memória", obra de arte pintada por Salvador Dali, no século XX precisamente em 1931, Século XX,-período em que o mundo científico desponta nos círculos acadêmicos, a exemplo, a Teoria da Relatividade, desenvolvida por Albert Einsten, sugere a diferença para mensuração do tempo; e os estudos da psicanálise de Sigmund Freud, destacam-se nesse período e aproximando-se dos artista surrealistas, dentre eles Dali, que retrata o tempo, em horários diferentes por três relógios que se derretem como queijo, interligando-os à elementos de sua infância, ao norte da Espanha no Porto Lligat, expostos na paisagem ao fundo da tela. Portanto, o contexto de suas lembranças e de seu mundo psíquico, aparecem na obra de arte transcendendo e incorporando elementos do mundo objetivo conjuntamente ao seu mundo subjetivo. E sobre a arte, cabe a análise de Spode (2012, p. 4) ao denunciar a maleabilidade do tempo na vida social.

> Dalí via os relógios como instrumentos normalizadores e exatos que traduziam de forma objetiva a passagem do tempo. O fato de os dotar de formas orgânicas remete-os para o universo de prazer, recordando a dimensão fugídia do tempo e o sentido da ambiguidade que a evolução temporal introduz pelo cruzamento da percepção da realidade com a causalidade e inexplicabilidade da memória.

Portanto, percebemos a narrativa expressa por Salvador Dali que artisticamente trabalha com precisão o caráter científico em sua tela, com a linguagem pictórica, mas, com sensibilidade, apresenta em seus elementos a roteirização da narrativa na pintura, demonstrando aspectos do ambiente e do tempo em que apresenta seu contexto histórico e ultrapassa o mecanismo individualizante da narrativa pictórica, quando demonstra os efeitos coletivos que influenciam sua pintura presentes na sociedade em que vive, no tempo em que pertence e as memórias que o habitam confluem na sensibilidade de uma história contada pela pintura.

IV – Os retalhos que nos compõe

Que tal, uma poesia!

SOU FEITA DE RETALHOS

Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e se fazem ser quem sou.

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior... Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade... que se tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz, de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também.

E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados... haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.

Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com retalhos deixados em mim.

Que eu também possa deitar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de nós.

Cris Pizzimenti, 2013

- A poesia de Cris Pizzimenti provoca alguma impressão em você?
- É possível percebermos a ideia de vivência e experiências na poesia?
- Como a autora concebe a história de vida emanada de suas linhas poéticas?

Como afirma Benjamin (1987, p.198): “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.”. A poesia de Cris Pizzimenti retrata os fios que a trajetória humana é tecida em meio as experiências, as quais se somam e se constroem nas memórias das vivências articulada à realidades, contextos e tempos que se forjam narrativas de vidas.

Vamos lembrar um pouco das pessoas que fizeram parte de nossa história, do tempo e dos cheiros que elas nos trazem! E vamos montar uma colcha de retalho para cobrir nossas lembranças e afagar nossas memórias?

Uma memória em cada folha de papel sulfite, e assim vamos desenhando nossas marcas:

- A cidade em que você nasceu;
- As pessoas que você lembra dessa época;
- O que fazia? O que brincava? Do que brincava e com quem?
- A paisagem lembrada;
- Os momentos de conversa?

V - Musicalizando as memórias

Percebemos a importância de reconhecer a si mesmo na confluência de suas experiências? Há espaço para lembranças na autobiografia pela qual fazemos reflexões que subsidiem ações e atividades educativas na escola de criança, partindo das memórias guardadas que precisam ser revisitadas e desveladas para desobstaculizar o vivido pela ação exercida da memória no exercício de lembrar, pensar e refletir.

Vamos conhecer, ler, musicalizar a poesia de Graco e Caio Silva intitulada de NOTURNA[4] (Coração Alado) na famosa interpretação de Raimundo Fagner!

[4] Música Noturna está disponível: https://www.letras.mus.br/fagner/45935/

NOTURNA (Coração Alado)

O aço dos meus olhos
E o fel das minhas palavras
Acalmaram meu silêncio
Mas deixaram suas marcas...

Se hoje sou deserto
É que eu não sabia
Que as flores com o tempo
Perdem a força
E a ventania

Vem mais forte...

Hoje só acredito
No pulsar das minhas veias
E aquela luz que havia
Em cada ponto de partida
Há muito me deixou
Há muito me deixou...

Ai, Coração alado
Desfolhareí meus olhos
Nesse escuro véu
Não acredito mais
No fogo ingênuo, da paixão
São tantas ilusões

Perdidas na lembrança...

Nessa estrada
Só quem pode me seguir
Sou eu!
Sou eu! Sou eu!...

Hoje só acredito
No pulsar das minhas veias
E aquela luz que havia
Em cada ponto de partida
Há muito me deixou
Há muito me deixou...

Composição: Graco / Caio Silva

Algumas questões para pensar sobre a composição musical:

A poesia contida nessa música fala de quê? O que os compositores parecem sentir ao escrevê-la?

É perceptível alguma desilusão, sofrimento, desencanto em algum momento da vida?

O que se perdeu nas lembranças? É possível perdermos lembranças? O que pode levar a pessoa a esquecer acontecimentos que marcaram-na na caminhada?

O desencanto diante de algumas situações pode provocar solidão ou ações solitárias que desencadeem o desejo de caminhar sozinho, de fazer as coisas sozinho?

Você já vivenciou situações no espaço escolar que lhe fizeram sofrer, desanimar, sentir-se sozinho? Que marcas existem e que são acalmadas pelo silêncio?

Na busca para superar os percalços tidos como coordenadora da Educação Infantil, transpomos para o verso da música ao dizer: "Que as flores com o tempo perdem a força e a ventania vem mais forte", perguntamos o que aconteceu? Como você conseguiu voltar a caminhar e encontrar a luz que havia em cada ponto de partida? Vê hoje essa luz?

Vamos ouvir em silêncio a música! Não precisa estar sentada na cadeira, pode deitar-se ao chão, pode encostar-se na parede, ficar de bruço com pernas para o ar, mas pense sobre essas reminiscências que intercortaram seu percurso.

Escreva uma carta ao Caderno Narrativo, refletindo sobre cada momento em que o fel de suas palavras, de suas ações refletem as marcas silenciadas do deserto em que, por vezes, se encontra no espaço escolar. O que você não sabia que lhe fez sentir a ventania? Diante do que sabe hoje, do viés hoje, é possível retomar a luz do ponto de partida e reconfigurar novas ações?

Converse com suas memórias e responda a elas com uma saudosa carta narrativa!

VI - Reflexão Circulante: pensando sobre si

Visando criar momentos para pensar sobre si, desenvolvemos a estratégia do **Reflexão Circulante** com propósito de promover uma autorreflexão a partir de questões pertinentes à vida e ao ambiente de trabalho do coordenador. Em resumo, essa estratégia visa confrontar experiências pessoais durante seu percurso no espaço da Educação Infantil, por meio de perguntas que ativam autorreflexão em um momento silencioso consigo mesmo.

Organizada com o coordenador pedagógico presencial ou virtualmente, a **Reflexão Circulante** exige que não haja exposição audível das respostas propostas ao coordenador, pois as respostas são pensadas para si.

Metodologicamente, sugerimos que o formador selecione algumas perguntas elencadas abaixo e, após conversa inicial sobre o processo de autorreflexão, que permite pensar sobre experiências no percurso que vivem e desenvolvem atividades de coordenação, elucida-se o desafio da escrita de si, quando está se dá sem propósito. Mas se evidencia que a vida humana decorre de um contexto histórico cheio de nuances. É importante depurarmos esse percurso para resgatar experiências que nos forjam e aperfeiçoar a profissionalidade do percurso vivido no espaço infantil. Para tanto, é vital empreendermos um momento em que a reflexão se faz indispensável ao processo formativo de todo e qualquer profissional.

Então, a estratégia permite essa conquista, esse desafiar o coordenador a pensar sobre si, a fim de, posteriormente, escrever essas reflexões.

Prepare-se para iniciar!

Uma música de fundo instrumental é bem-vinda nesse momento e os CP devem se sentirem à vontade.

Aproveite para pôr uns tapetes ou TNT no chão, almofadas. Cada qual se senta como quiser!

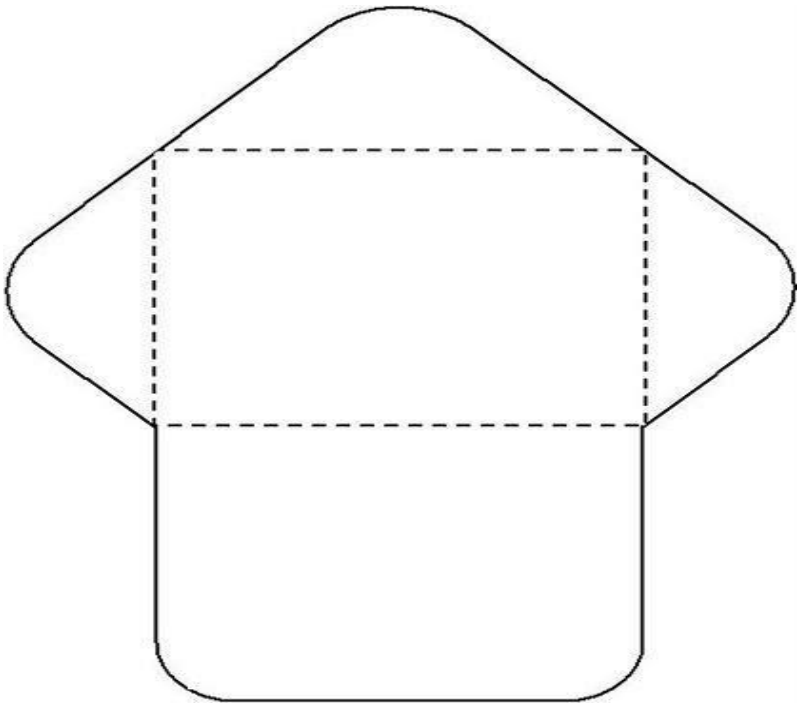
Idealizamos um molde de um envelope que, ao ser aberto, encontram-se as perguntas em cada uma das partes.

Em cada parte do envelope coloque uma pergunta.

Dobre-o e entregue a cada participante.

A proporção que o envelope se abre, perguntas devem ser lidas em silêncio e pensadas para serem respondidas.

Vejamos um exemplo:



Organizemos em momentos:

1º momento

Cada coordenador recebe um envelope com perguntas (no local indicado pelo ponto de interrogação) para serem respondidas para si mesmo, em silêncio e com um tempo estimado de 15 minutos aproximadamente.

Sugestões para Reflexão Circulante (pode ser feita em dois momentos: 07 perguntas para cada):

- A quem você gostaria de contar as histórias de seu percurso na Educação Infantil?
- Se tivesse sendo entrevistado por alguém do recursos humanos para uma escola que você desejasse muito trabalhar, o que diria para os seguintes questionamentos: "Quem é você?" e "Que coordenador é você na Educação Infantil?"
- Você, como coordenador pedagógico, quais são seus superpoderes?
- Que atividades pedagógicas lhe dão mais prazer?
- Como supercoordenador, você tem algum ponto fraco? Qual ou quais?
- No que você mais acredita em sua profissão para contribuir com o espaço da Educação infantil?
- O que lhe deixa muito irritado ou triste na escola?
- No exercício da coordenação pedagógica, você lembra de momentos que lhe trazem boas lembranças?
- E os momentos desafiadores e desanimadores, quais desses você lembra agora?
- O que o motiva a ir todos os dias para a escola?
- Existe algum comportamento seu que dificulte o seu desenvolvimento profissional?
- Você tem conseguido demonstrar seus sentimentos às pessoas que você ama?
- Se olhar para tudo que sabe e viveu na coordenação pedagógica, você seria capaz de afirmar: "Fico feliz em ter me dedicado à educação!" ?
- Se voltasse no tempo, que conselho você daria para melhor desenvolver suas atividades naquela época

2ª momento:

Ao término do tempo, estimado no 1º momento, propõe-se que o CP tenha 10 minutos para:

- Selecione a pergunta que mais lhe desafiou a responder;
- Elabore uma justificativa mentalmente à pergunta desafio.

3º momento:

O CP reorganiza seus pensamentos, memórias e reflexões para escrever uma carta endereçada a si mesmo, sobre todas as suas descobertas que a reflexividade nessa estratégia permitiu-lhe fazer.

Finalizando!

Que tal disponibilizar uma caixa de correio construída de caixa de sapato ou similar, ou mesmo um envelope grande, bem decorado, capaz de comportar todas as cartas.

Seja criativo!

VII - Círculo Reflexivo

Visando criar um momento para pensar sobre si, mas também compartilhar experiências entre os pares, idealizamos a estratégia do Círculo Reflexivo que se aproxima da estratégia Reflexão Circulante no quesito perguntas e respostas, diferenciando-se, pois as respostas não se detêm em si, mas na interação com o outro. Dessa forma, o objetivo principal sobre atividade profissional do CP, socializando experiências ao desenvolvimento do profissionalismo na Educação Infantil.

Para tanto, é interessante relembrar de conhecimentos focados na abordagem teórica que fundamentam conceitos de profissionalismo, profissionalização e atividade, trazemos referência na dissertação "Costurando Narrativas pelos fios da coordenação pedagógica em contexto curricular da Educação Infantil" que deve ainda ser pelo formador ampliado e aprofundado.

Os coordenadores se dispõem em círculo;

Cada CP recebe um cartão-pergunta individual que deve ser lido audivelmente, um após o outro;

Um mesmo tema é o mote para as reflexões, ou seja, uma pergunta é feita na roda e somente após ser respondido por cada coordenador pedagógico é que a outra pergunta é lançada no círculo.

Estima-se o tempo de 01 minuto de resposta para cada coordenador.

Sugestões para pensar e socializar!

- Se sua história fosse publicada que título você acredita que receberia?
- Como sua atividade na coordenação pedagógica contribui para o contexto da EI?
- Como você se organiza para realizar suas atividades pedagógicas no espaço infantil?
- Como seu tempo é planejado para melhor você trabalhar na Educação Infantil?
- O que contribuiria bastante com suas atividades na coordenação pedagógica da EI?
- Como você resume suas atividades na coordenação?
- Quando foi a última vez que você investiu em sua profissionalização?
- Que ações podem melhorar a qualidade do trabalho do CP?
- Como você se relaciona com as propostas para o currículo da Educação Infantil?
- Lembre de uma situação desafiadora que você vivenciou no espaço infantil. Você se parabeniza pela forma como você resolveu a situação?
- O que melhor você faz como CP?
- Como quer ser lembrado pelos seus pares? E por seus professores na escola?
- Depois de todas essas respostas dadas e ouvidas do outro, que aprendizados foram produzidos?
- Mudaria o título de sua história com base em seus novos aprendizados?

2º momento:

Ao término da rodada, os cartões são relidos, mas acrescido da interpelação "Por quê?" referindo às ideias: Por que pensas assim? Por que tem essa ideia? Por que acha isso ou aquilo?

3º momento:

Ao término da rodada, os cartões são relidos, mas acrescido da interpelação "Por quê?" referindo às ideias: Por que pensas assim? Por que tem essa ideia? Por que acha isso ou aquilo?

4º momento:

O Círculo Reflexivo se fecha, propondo a escrita de uma carta endereçada à coordenação pedagógica da Educação Infantil, expondo reflexões, propostas, acertos, concertos e descobertas para uma coordenação ainda mais produtiva e produtora no âmbito da profissionalização.

VIII – Costurando um tecido na coordenação pedagógica

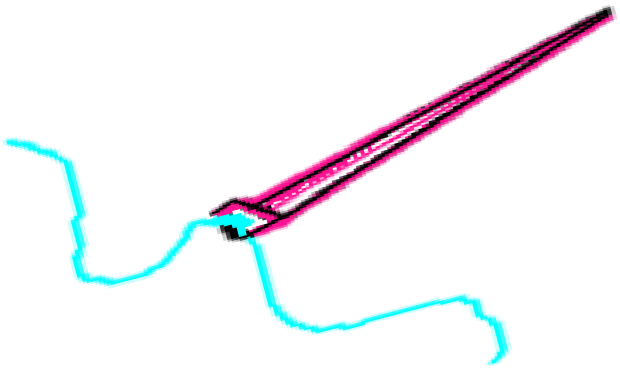
A parceria que se constrói com outro no ambiente de trabalho, espaço de atuação das ações pedagógicas pelo coordenador, devem ser compartilhadas entre os pares com a diligência de saber falar, saber ouvir, articulando interações a fim de compreender o outro buscando costurar relações em prol de um tecido articulado para o desenvolvimento de atividades educativas colaborativas e viabilizadoras de aprendizagem e consolidação de conhecimento.

A convivência com os pares é um exercício de dimensões éticas aprendido socialmente que necessita ser contemplado em todo processo de formação e autoformação.

A tela "Costureiras[5]" de Tarsila do Amaral, exposta atualmente no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, tem originalmente 73x100 centímetros, retrata as mulheres em horário de serviço trabalhando na indústria têxtil.

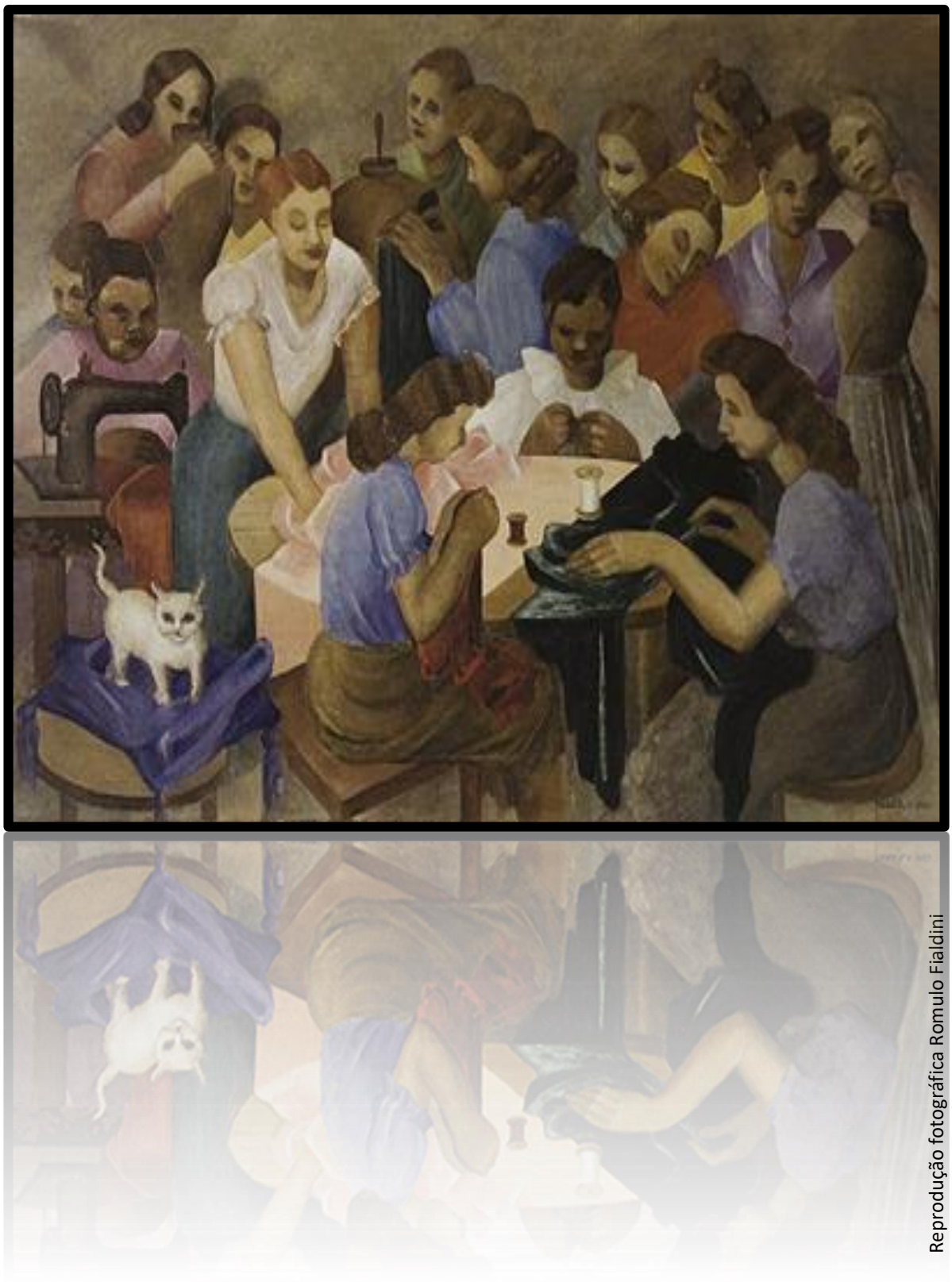
Ação de costureiras que fiam um mesmo tecido, em mesmo ambiente de trabalho compartilham entre si, suas demandas, necessidades, dificuldades. As coordenadoras precisam ser agregadas formativamente em prol de bem maior e melhor, que prime, tanto pelo bem-estar pessoal, profissional e institucional no percurso de sua profissionalização.

Apreciemos a tela, e tentemos fazer um correlação com o exercício de coordenação, formação e autoformação. Registremos o caderno e compartilhemos audivelmente, traçando possibilidades e indiferenças nessa relação.



[5] Rebeca Fuks, doutora em Estudos da Cultura, fornece essas informações. Disponíveis no sítio da Cultura genial.

COSTUREIRAS



Reprodução fotográfica Romulo Fialdini
http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra2487/costureiras

IX – QUEM SOU EU?

A construção identitária que compõe a natureza profissional do coordenador intercala-se com sua vida pessoal. O itinerário percorrido e a somatória de experiências, articulam-se nas conjunturas culturais, epistemológicas, sentidas, conhecidas, apropriadas, nas interações com o meio. A vida formativa do coordenador pedagógico se constitui no emaranhado das relações, dos aprendizados, dos pensamentos, dos olhares, das representatividades, apreensões, das memórias...

Esse coordenador que trabalha com crianças, com adultos, com outros profissionais, com famílias e comunidade em geral no espaço da Educação infantil é também um indivíduo de devires, de afectos; um indivíduo que tem reminiscências, tem dores, tem alegrias, tem medo, angústias, tem saberes, conhecimentos, uma cosmo visão que lhe é peculiar construída pela apropriação histórica, social e culturais das relações deslocadas no espaço e no tempo de vida. O pessoal e o profissional se fundem no caráter identitário do sujeito, manifesta-se em suas ações e pensamentos.

Mas afinal, quem é o coordenador pedagógico?

Quem é esse indivíduo? Esse sujeito?

O indivíduo que ama e se recente; tem preferências, sabores; viaja; lê: gibis, poesia, drama, romance, revistas, científicos; assiste documentários, filmes, peça teatral ...

O momento formativo empreendido por essa perspectiva visa conduzir o coordenador ao pensar sobre si mesmo, reconhecer-se no processo educativo como sujeito carregado de experiências, influências, e corroborar com um autoconhecimento em prol de uma autoformação.

COMO É POR DENTRO OUTRA PESSOA

Como é por dentro outra pessoa?
Quem é que o saberá sonhar?
A alma de outrem é outro universo,
Com que não há comunicação possível,
Com quem não há verdadeiro entendimento.

Nada sabemos da alma
Senão da nossa;
As dos outros são olhares,
São gestos, são palavras,
Com a suposição
De qualquer semelhança no fundo.

Fernando Pessoa

PESSOA, Fernando. Poesias Inéditas (1930-1935)

A leitura do poema de Fernando Pessoa põe questões que validam um olhar para dentro de nós mesmos, um olhar que requer análise de si, elucidando que o interior, as reminiscências, as marcas que compõe o outro não estão sempre a vista, salvo quando expostas. Há tanto coisa no outro que não sabemos, que convidamos a conhecer a nossa própria alma, nosso interior, nossa memórias, nossa identidade.

1. Questionamento: O que os coordenadores pensam sobre o poema?

2. Após apreciação do poema, a proposta se estende a olhar para si mesmo, para escrever sobre si.

Os participantes, sentam-se em cadeiras, almofadas, no chão ou em tapetes, mas dispostos em fila indiana: essa disposição de fila põe uma pessoa atrás da outra com pouca proximidade. O interessante dessa organização, encontra-se em construir um espaço de relativa privacidade em um ambiente coletivo, buscando a concentração e a despreocupação com olhar do outro ou para o outro, voltando-se exclusivamente para si.

3- Cada participante recebe um convite, com o título “Quem sou eu?” para abrir, identificar e apreciar a pessoa vista no convite.

3.1 - O convite pode ser feito em papel cartão com um dobra de aproximadamente 11 cm a partir da altura da folha, colada um papel laminado de cor prata ou outro papel ou material que simule um espelho. A ideia desse recurso didático é permitir que o coordenador ao abrir o convite para responder ao título proposto, materialize seu olhar em si mesmo.

3.2 - A escrita ao questionamento deve ser feito na parte inferior do papel cartão.

Quem sou?

Como me vejo?

Do que gosto?

Como penso que sou?

Silvia Tereza Martins Sousa (Silvinha)

Mulher
Apaixonada
Estudiosa
Poetisa
Inquieta

Esposa
Inteligente
Guerreira
Perfeccionista
Articuladora

Emmanuelle Costa da Silva

Maria Hermínia Cantanhede

Mãe
Filha
Corajosa
Estudiosa
Companheira

Coordenadores Pedagógicos

Betânia [6]

Tia Belonguinha

Mulheres, amigas...
Estudiosas, sensíveis...
Observadoras...
Companheiras...
Resiliente ...

[6] Por motivos particulares, as coordenadoras Betânia e Tia Belonguina não serão identificadas.

4 Cartas da coordenadora pedagógico: memórias narrativas

Esse é o tópico em que podemos apreciar algumas cartas narrativas, socializadas pelas coordenadoras colaboradoras da pesquisa “Narrativas do Coordenador Pedagógico”.

As histórias narradas são frutos de memórias resgatadas e experiências deflagradas no percurso do exercício da atividade de coordenação realizada no contexto da Educação Infantil.

Cada narrativa traz no bojo de sua representatividade: olhares, percepções, marcas, observações, vivências, contextos, historicidade, reminiscências, sentimentos, emoções que revela a existência de um profissional que necessita ser conhecido, reconhecido, compreendido como sujeito de muitas e diferentes atribuições no espaço infantil. As narrativas das coordenadoras são um presente a degustação de histórias e experiências aos demais coordenadores que têm a oportunidade de se vê uma muitos momentos.

E, tal processo alimenta metodologicamente o caráter investigativo da pesquisa e do pesquisador, narrador e ouvinte/leitor, os quais são inseridos em um permanente aprendizado.

Dessa forma, elencamos algumas cartas que se transformaram em ensino, em acolhida, em despertamento e conscientização, conhecimento e processo, desafios e superação, informação e reconhecimento.

VAMOS COMBINAR!

* As histórias que compõem nossa vida, nossa herança, nossa cultural, nossas memórias, não são imutáveis, todavia precisam ser apreciadas não por um prisma conceitual da individualidade do leitor, mas pelas janelas que essas narrativas nos permitem contemplar o horizonte, perto ou longe de nós - leitores, apreciadores, interessados, sem o pré-conceito da vivência do outro.

* Permita-se olhar horizontalizando o que o cenário narrativo das histórias lhe permite ver.

*Não se isole!

* Não feche a janela para os saberes!

* Acredite no pote de tesouro que há no fim do arco-íris.

POR ISSO VAMOS COMBINAR [7]
PARA LER OU OUVIR A AUTOBIOGRAFIA DO OUTRO:

NÃO COMPARE ...
NÃO EXPLIQUE ...
NÃO INTERROMPA ...

* Permita-se exercitar o momento do encontro com a escrita narrativa do outro, aprender com ele.

* Não tente explicar o que o outro pensa, rememoriza, reflete, apenas exercite o momento do acaso e a necessidade de se ver pela escrita do outro

* Exercite a escuta do pensamento leitor!

* Deixe fluir a invenção criativa da potência imaginativa, sem perguntar o porquê.

Ótima Leitura!

[7] Os três combinados (não compare; não explique; não interrompa) foram por nós conhecidos por meio do professor na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Filipe Santos Fernandes durante a ministração do I Seminário de Narrativas e Políticas de Narratividades em Educação realizados na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) em junho de 2019 e nos serve de inspiração para desenvolvermos nossa proposta de combinado frente a apreciação das autobiografias das narradoras desse trabalho.

CARTA III.1 - Coordenadora Pedagógica: Silvia Teresa

MINHAS MEMÓRIAS AFETIVAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Era uma vez, num tempo não tão distante, uma coordenadora pedagógica que, de repente, se apaixonou perdidamente pela educação infantil. Ela estava muito bem instalada no ensino médio, rodeada por suas áreas de ensino, cada um no "seu quadrado", seus horários estabelecidos de forma sequenciada, com cada disciplina ocupando seu espaço pré-estabelecido, e a vida seguindo seu fluxo normal e certinho, sem alterações. De repente, numa das curvas da vida, depara-se com um universo encantado, salas coloridas, olhos brilhantes, contos de fadas, imaginação, criatividade, questionamentos e a magia se fez: a educação infantil entrou na veia e foi pulsar no coração.

Como explicar de forma racional essa paixão? Como determinar o momento exato em que o universo infantil passou a representar tanto em minha vida? Pode ter sido no momento em que aquele garotinho te olhou nos olhos e perguntou: - Tia, lê essa história pra mim" E gostou tanto da leitura que pediu para repetir três vezes. Ou naquele momento em que você se sentiu grande por poder ajudar aquela criaturinha a beber água no bebedouro... Ou quando teve que consolar quando a mãe demorou a chegar... Confiança vai sendo adquirida nos pequenos detalhes e o amor vai se tornando presente a cada "pedido de ajuda".

A afetividade faz parte da minha personalidade. Olhar o outro, descobrir qual seu estado de espírito, apenas observando sua chegada ou partida, abraçar, ouvir e fazer com que o outro se sinta gente, pessoa antes de ser profissional, faz parte da minha forma de agir. Lembro da frase de uma das minhas professoras no curso de pedagogia: professor se conquista, a forma, cada um deve encontrar a sua. E a minha forma de conquistar o professor é exatamente ouvir, fazer com que ele tenha na sua coordenadora, antes de uma profissional, alguém disposta a ouvir. Não o ouvir pedagógico, mas o ouvir humano. A afetividade como opção, como foco do meu trabalho pedagógico, não foi uma escolha consciente, mas representa minha bússola, meu norte e o retorno dessa forma de agir tem sido extremamente gratificante, em todas as esferas de atuação.

Paixão estabelecida, contatos afetivos em construção, necessário agora a formação profissional para atuar na educação infantil. De repente me deu conta que não sabia de nada. Na escola, recebia auxilio das professoras, mas não era suficiente. Busquei investir na minha formação individual, busquei ajuda de colegas que já estavam atuando e foi recebendo as orientações necessárias. Foi trilhando meu caminho, construindo meu espaço e descobrindo as nuances da educação infantil: as áreas de conhecimento (identidade e autonomia, linguagem oral e escrita, matemática, artes, movimento e natureza e sociedade); os projetos; os relatórios individuais; o brincar e sua importância; as diretrizes curriculares; os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais; as hipóteses de escrita... além disso E a desconstrução do fácil na

educação infantil, a descoberta do aprender... A paixão se transforma em admiração profunda e essa admiração, essa descoberta do universo tão pouco explorado da infância, impulsionou o meu caminhar.

Em 2013, ano de mudanças na escola. Mudança na gestão e a descoberta de materiais guardados a sete chaves pela centralizadora gestão anterior. Nesses guardados, encontro diversos livros das diretrizes curriculares que deveriam ser entregues para as professoras e foram parar em depósito, os quais os batizei de cupins pedagógicos. Acredito que a leitura feita pelos cupins foi produtiva, pois estavam todos intactos e serviram de suporte para estudos na escola. Até hoje os cupins pedagógicos permanecem na escola e por mais que se faça, não encontramos meios de expulsá-los.

As turbulências do ano de 2013 foram muitas. Nossas formações continuadas de coordenadores quase deixaram de acontecer. Não tivemos formação em fevereiro, março e abril, devido a diversas situações, entre elas a queda do telhado do Centro de Formações, localizado na Praça Gonçalves Dias. Cancelamentos de formações por falta de espaço e a busca incessante das formadoras por espaços alternativos. Nas escolas, as discursões giravam em torno da Lei 11.738/2008 (Lei de 1/3) e as formas de organizar a jornada de trabalho dos profissionais. Muitos pontos de interrogação: a necessidade e, garantir a redução de 1/3 da jornada de trabalho, organizar as atividades extraclasse, garantir o direito das crianças às quatro horas diárias na escola.

Na lógica, o cálculo é bastante simples: 2/3 de 24 corresponde a 16 horas de interação com as crianças e 1/3, a 08 horas de atividades extraclasse. Na prática a equação se complica, pois na educação infantil, cada turminha tem um professor, o que torna impossível organizar a rotina sem a presença de um professor auxiliar.

Com base em tudo isso, as formações continuadas se transformaram por um tempo em "informações continuadas", transmitidas através das redes sociais. E as redes de relacionamento foram se intensificando, pois nos momentos de turbulência, as coordenadoras se deram as mãos e se apoiaram.

O grupo se fortificou com a ameaça de término das formações e fez pressão junto com as formadoras, pela continuidade desse espaço. A partir daí, passamos a ser itinerantes, nômades pedagógicas, as andarilhas da educação. Cada mês num local diferente, cruzando de norte a sul os espaços territoriais de São Luís, sem deixar a peteca cair.

Então, pensando em tudo isso, desvendando cada véu, desenrolando cada novelo memorial, minha trajetória não poderia ser diferente. A afetividade, essa força motriz que me conduz, me torna diariamente a profissional que sou. Não é apenas ter um olhar pedagógico sobre cada questão educacional, mas perceber que por trás de cada ator, cada profissional com quem convivo, seja nas escolas ou nas formações, existem pessoas que têm histórias de vida que precisam ser levadas em consideração. O olhar diferenciado, seja para crianças ou adultos, precisa estar presente. Olhar o outro além do ser profissional e nunca esquecer dos afagos na alma, seja com sorrisos, abraços ou pequeno mimos diários.

Silvia Tereza Martins Sousa conhecida nos meios educacionais como Silvinha
Coordenadora pedagógica por opção e paixão

CARTA III.1.2 - Coordenadora Pedagógica *Silvinha*

Antes de falar da minha experiência na Educação Infantil, gostaria de iniciar relatando o que me levou à pedagogia, o que me fez escolhê-la, entre tantos caminhos, o do fazer pedagógico. Minha formação a nível médio, foi tecnicista, através do curso de Eletrotécnica da antiga Escola Técnica Federal do Maranhão - uma formação centrada em atividades mecânicas, repetitivas e operacionais. Como uma formação tecnicista, baseada em princípios como racionalidade, eficiência e produtividade, levaram-me à pedagogia, caminho totalmente oposto ao tecnicismo, com foco no ensino e aprendizagem e valorização do pensar, do dialógico, da interatividade? A resposta está exatamente nesse ponto: interação.

Toda formação profissional é determinada por uma formação pessoal. O fazer pedagógico envolve basicamente interação humana. Envolve perspectivas de transformação, reflexões críticas, busca por mudanças, inquietações, diálogos, potencialidades, aspectos estes presentes em todo ser humano. O humano presente na pedagogia foi meu motivador e norteador de práticas, foi e é a mola propulsora das minhas práticas pedagógicas. Inicialmente, minhas atividades profissionais foram desenvolvidas no Ensino Médio a partir do ano de 1995. Em 2004, tive uma breve passagem pelo Fundamental, e a partir de 2009, adentrei na Educação Infantil. Duas paixões a nível profissional: Educação Infantil e Ensino Médio, as etapas iniciais e finais da educação básica.

O que podem ter em comum para determinar essa paixão? As semelhanças entre crianças e jovens no processo educativo e o professor. Crianças e jovens são carentes de afetos, de contato humano, de olhares diferenciados. Crianças e jovens têm sede pela descoberta e dependendo de como são estimulados, respondem de forma parecida, com brilho nos olhos, com autenticidade, com entregas e criatividade. Por outro lado, a figura do professor, não apenas o ser profissional, mas o ser humano com suas incertezas e suas potencialidades. Seja da Educação Infantil ou do Ensino Médio, o professor precisa ser visto através da ótica humana, como aquele profissional que se reinventa em suas múltiplas ações diárias e que precisa de estímulo, de afagos para desenvolver suas atividades.

Como coordenador pedagógico, não basta apenas focar em orientações sobre a prática, em acompanhar, mediar e estimular a troca de experiências a nível profissional, mas estabelecer vínculos afetivos com seus pares. O professor também precisa de olhares diferenciados.

Em outubro de 2009 fui oficialmente apresentada à Educação Infantil, sendo influenciada por colegas que já estavam exercitando suas práticas nessa modalidade de ensino. Tudo novo, diferente e em meio às mudanças decorrentes da aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, documento norteador das práticas para a infância, aprovado através da resolução número 05, datado de 17 de dezembro de 2009. Muitas incertezas diante do novo, um novo que já estava sendo desenhado através de encontros formativos que visavam a revisão da concepção de educação das crianças nos espaços escolares.

O principal desafio enfrentado foi a falta de conhecimento do que era a educação infantil. Definir concepções baseadas nas experiências trazidas de outros campos de atuação, buscar apropriação do fazer pedagógico para a infância foram as primeiras ações. Conhecer a escola e seus protagonistas, identificar qual papel cada um desempenhava na estrutura organizacional e, aos poucos, fui construindo meu espaço. Estou na mesma escola desde 2009, acompanhei mudanças a nível de gestão e no quadro de professores.

No início, enfrentei dificuldades com à gestão por ser centralizadora: não disponibilizava materiais, informações ou documentos. Tudo era guardado a sete chaves e sem acesso dos profissionais. Nesse universo, com falta de conhecimento, mudanças ocorrendo em decorrência das diretrizes, centralização da gestão, busquei aproximação com o grupo de professoras da escola, colocando-me inicialmente como aprendiz, como observadora das práticas, como parceira e fui aos poucos descobrindo a paixão pela educação infantil. E o encantamento se fez presente...

Primeiramente, estabeleci vínculos com o grupo, através de encontros formativos que priorizavam a afetividade. Nesses encontros, o foco era a troca de experiências afetivas, através de desenhos, mensagens, lembrancinhas confeccionadas, contatos como abraços e troca de elogios. A afetividade foi primordial para o estabelecimento da confiança com o grupo. Deixar que cada uma se expressasse, manifestasse suas angústias e conquistas, seja a nível pessoal ou profissional, e isto, foi fator determinante para que aos poucos ocupasse meu espaço na escola e começasse a desempenhar minhas funções com maior apoio e segurança.

Com relação as orientações mais específicas para o desempenho das minhas funções, foram recebidas das formações continuadas oferecidas mensalmente pelas formadoras da SEMED. Nesse espaço, fui conhecendo a rotina da educação infantil e me apropriando de informações necessárias à prática desenvolvida na escola: a parceria com outras coordenadoras, a troca de experiências, o sentimento de pertencimento a um grupo, foram criando uma identificação com a educação infantil; também fortaleci o gosto por leitura e escrita, através de registros da prática desenvolvida.

A visão de infância, o fortalecimento das interações com as crianças na escola através da participação na rotina diária, foram transformando minha visão do ser criança. Tinha um entendimento muito limitado de como ocorria a aprendizagem das crianças, achando mesmo que o brincar ocorria dissociado do aprender. Observando, lendo, recebendo orientações de outros profissionais nas formações, aos poucos foi sendo estabelecido o entendimento do brincar como princípio norteador de aprendizagem e de criação de laços através das interações.

Ainda nesse processo inicial de 5 anos na educação infantil, vieram as mudanças na jornada de trabalho, com a Lei 11.738/2008, colocada em prática a partir de 2013. Mais estudos na escola, agora já bem mais segura do caminho a seguir. Organizar a rotina da escola diante dessas novas alterações se tornou um desafio encarado com a participação das professoras. O ouvir se tornou ponto de referência, saber o que cada uma pensava a respeito da redução da jornada de trabalho em sala de aula e de como organizar as atividades extraclasse. A escola da educação infantil já não era mais um espaço desconhecido, o encantamento pelas crianças, pelas professoras e por toda rotina da chegada a escola até a saída, estava estabelecido.

O novo já não era mais tão novo e a importância de interagir com crianças, professoras e outras colegas coordenadoras, mostraram-me que estava correta a minha escolha pela pedagogia. O humano existente e é experienciado tão fortemente no pedagógico, fazem-me acreditar todos os dias no que faço. Paixão define minha identificação, uma paixão que é alimentada diariamente nas interações estabelecidas.

Silvia Tereza Martins Sousa (Silvinha)

CARTA III.2 - Coordenadora Pedagógica Emmanuelle Costa

São Luís, 16 de julho de 2020

Saudações, querido CADERNO NARRATIVO

Estou na coordenação pedagógica da Educação Infantil por um encanto que surgiu quando me deparei com as dificuldades pelas quais as crianças enfrentam quando saem da Educação Infantil e iniciam o Ensino Fundamental. O meu preparo para o concurso visava uma vaga no ensino fundamental do 5° ao 9° ano e por fim consegui aprovação. Antes deste concurso trabalhava na secretaria da escola e sempre substituía professores em emergências. Naquela oportunidades ouvia muito as crianças e suas inquietações, observava, em suas diferentes faixas etárias, suas descobertas e interesses durante suas interações. A paixão começou ali!

Após trabalhar no fundamental como coordenadora por três anos (minha primeira experiência) fui convidada a voltar a trabalhar na Educação infantil na antiga escola onde trabalhei na secretaria, mas agora para coordenar. Fiquei muito entusiasmada. As professoras aguardavam com ansiedade por uma coordenadora para ajudar no planejamento e na Jornada Pedagógica. Eu tive a primeira oportunidade de trabalhar diretamente com professoras e alunos de 3 a 5 anos de idade. Muitas expectativas e também muitos desafios. Mas o entusiasmo e a vida que emanam das crianças me motivaram a me reinventar, a ler, a buscar novas didáticas e metodologias, para envolver ainda amistosamente a escola no cuidado com as crianças, aproveitando ao máximo o tempo que elas passavam na escola.

Como em toda profissão, o período de adaptação é processual e por vezes desafiador. Por algumas vezes, nos primeiros cinco anos de coordenação da Educação Infantil, observei que minha função era confundida com a de gestor adjunto da escola (erro comum que acontece até hoje). Na minha estreia a Educação Básica iniciava-se no processo de ensino em ciclos e algumas modificações tornavam-se necessárias.

As crianças entrariam na educação infantil a partir dos três anos completos ou a completa-los até dia 31 de março. Isso causou impacto nas famílias e também na escola: o que fazer? O que ensinar? Como fica o currículo? E o planejamento? Entravam neste processo as "RECNEI" - Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil e, posteriormente, adaptado para DECNEI - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Esses parâmetros necessitavam ser conhecidos e muito estudados para a elaboração do "novo currículo "da Educação infantil. Mas isto implicaria na aceitação pelo gestor e pelo professor. A escola de adaptaria a um currículo propriamente infantil que descobriria os conteúdos em atividades infantis (aprendizagem por interatividade: ludicidade, brincadeiras, histórias, música, movimento...) algo totalmente diferente da aprendizagem tradicional da formação dos pais e dos professores. E isso iria exigir um pouco mais do coordenador.

A rede municipal de educação de São Luís sempre deu suporte aos coordenadores por meio das formações continuadas de coordenadores que orientam com material pedagógico e norteiam as ações a serem desenvolvidas na escola. Mesmo desconhecendo a realidade particular de cada escola, a equipe de formação se esforça para que a educação tenha qualidade e seja alinhada as expectativas dos indicadores de qualidade do MEC.

Lembro do PNAIC como um programa norteador de ações didáticas que mais facilitou o momento da mudança na educação no país. Apesar da negação de alguns pares nossos, a educação foi seguindo e logo outro desafio se apresentou: a implementação da nova BNCC. Entretanto, a disposição e a criatividade: critérios indispensáveis para a compreensão e adaptação do "novo" por todos que fazem a escola acontecer. Apesar de assustador, o desafio lançado pela nova BNCC para a coordenação é a volta aos estudos para uma nova "roupagem do currículo". Muitas de nossas colegas de trabalho "engessaram" a forma de trabalhar à condução da aprendizagem da criança sob o pretexto de desacelerar o desenvolvimento pela ausência do "rol de conteúdos" da metodologia tradicional.

Apesar do paradigma ter sido quebrado já há tempos... eu associo-o a uma mera questão de interpretação apoiada pelo comodismo. Afinal práxis pedagógica é uma dinâmica interativa, viva e que necessita de um planejamento que ressalte os interesses infantis, ao mesmo tempo em que desperte o pensar da criança e a sua própria busca por soluções sempre que se fizerem necessários; autonomia nas suas fisiologias, empatias e reciprocidades. Sempre reconhecendo a importância de si mesma e dos seus pares (seja na escola ou no convívio fora dela); o estímulo do raciocínio lógico e prático evidenciado nas formas lúdicas de interações ou em momentos particulares de apreciações ou percepções de fenômenos... É, a coordenação infantil tem sido pra mim uma vivência diária de desafios e descobertas que não podem estar dissociadas do engajamento da família com a escola. Pois, o prêmio é presenciar depoimentos dos pequeninos sobre suas experiências e descobertas.

A exemplo disso, tive a honra de ouvir as percepções de vários meninos e meninas sobre sua altura, peso, fisionomia, projeções para seu próprio futuro, domínio do uso de seus materiais de higiene, a vestimenta sem ajuda de adultos (até de amarrar o cadarço do sapato) sobre lavar as mãos sozinhos... uma dessas que me chamou atenção foi quando uma delas falou: - Olha tia Manu! Quando eu cheguei aqui na escola eu era muito pequeno e não alcançava a pia sozinho, agora alcanço e lavo e seco as mãos sem ajuda... Estou grande! Depoimento de "T.R" um menino de 5 anos da UEB MONTEIRO LOBATO da rede municipal de São Luís.

Assim, prossigo na intenção de conseguir converter o conhecimento das minhas parceiras de trabalho para a prática melhorada da Educação Infantil. Particularmente, eu desejo que toda a atualização pedagógica em cursos de extensão ou aprimoramento possa realmente ter o fim na prática com as crianças. Afinal, é na mediação com as crianças que se avalia, de verdade, a qualidade profissional que se adquiriu.
Obrigada pela oportunidade

Ass. Emmanuelle Costa

CARTA III.3 - Coordenadora Pedagógica Betânia

Vamos conversar sobre coordenação pedagógica,

a pessoa que a exerce! Interessante!

Eu, sou coordenadora já a um tempinho, comecei na escola particular, mas depois vim para a rede municipal através do concurso. E continuo aqui, trabalhando, tentando fazer o meu melhor, entendendo as normas, as regras, as orientações, concordando as vezes ... as vezes não. Mas não importa muito! Coordenador é bom para passar recado e deve se esforçar para agradar o diretor, porque senão, você fica mal visto se ele falar alguma coisa de você lá pelos lados da secretaria.

Eu procuro fazer cursos que contribuam com a Educação Infantil, que está mudando muito com o novo currículo das normativas legais, mas o desafio maior é envolver professores, diretor e todo o pessoal da escola, da comunidade, da secretaria e da academia, aos diferentes interesses que circulam nesse espaço. É muito complicado! Sinto as vezes que estou sozinha na escola, e para piorar vejo que muitas colegas coordenadoras também estão assim. As vezes não sei nem o que fazer, não encontro apoio, acolhimento das ideias.

As formações que academia fazem divergem entre si, seguem teorias diferentes. Tudo bem! mas eu como coordenadora tenho que organizar isso, quando levar para a escola, pois a academia não tem a percepção da realidade da escola e de suas demandas, assim como a secretaria que tenta seguir a academia e as normatizações legais, mas não faz um arranjo, para a nossa realidade e passa orientações dispersas, não há conversa com a academia, a secretaria e a escola.

Esse ano de 2020 tivemos um projeto de formação patrocinado pela Vale do Rio Doce (empresa situada em nosso território) com professores da universidade. A qualidade da formação foi muito boa! Mas não atingiu nem a metade das coordenadoras e nem dos professores da rede. Entendo essa demanda! Mas porque a equipe de formação de coordenadores e de professores não trabalharam esses assuntos, os textos nas formações, de forma geral, aprofundando, ampliando e organizando o conhecimento para ser melhor tratado nas escolas?

Se as formações fossem mais coesas, mais utilitárias, digo, de fácil aplicabilidade a prática escolar, talvez pudessem orientar melhor o trabalho do coordenador, respaldaria sua ação diante do diretor, dos professores e nós coordenadores, temos também que pensar na função que exercemos, no porquê e no para que serve nosso trabalho.

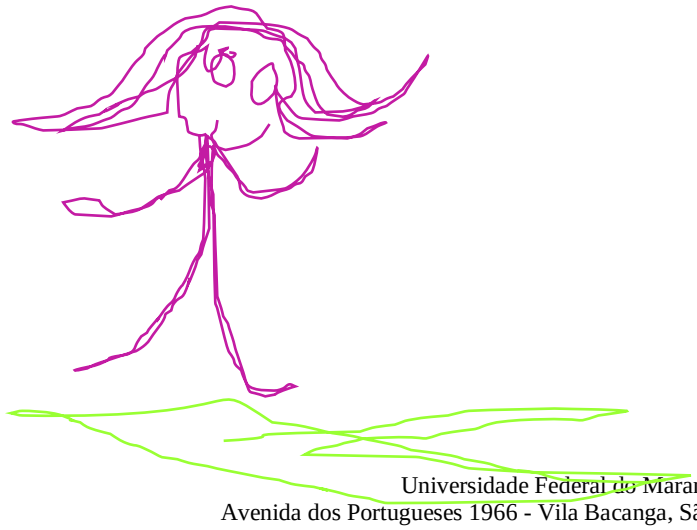
Sempre pensei que a formação da rede municipal e grupo de formação de coordenadores fossem para estudar, ampliar conhecimentos, compartilhar experiências, mas também organizar ações para melhorar o trabalho na rede. Mas percebo é um desencontro de informações, todos estão ali, mas puxando o fio da corda para lados diferentes, a condição física das escolas já é ruim, e se não for considerada, piora; ao mesmo tempo, que as vezes vejo a acomodação por parte das colegas de continuarem na mesmice. Talvez se a formação conseguisse se relacionar a atividades práticas e o grupo pensasse em mudar padrões de reclamação para pensar mais em proposta, pudesse melhorar. Mas aí, ser ouvida é outra história.

Sempre pensei que a formação da rede municipal e grupo de formação de coordenadores fossem para estudar, ampliar conhecimentos, compartilhar experiências, mas também organizar ações para melhorar o trabalho na rede. Mas percebo é um desencontro de informações, todos estão ali, mas puxando o fio da corda para lados diferentes, a condição física das escolas já é ruim, e se não for considerada, piora; ao mesmo tempo, que as vezes vejo a acomodação por parte das colegas de continuarem na mesmice. Talvez se a formação conseguisse se relacionar a atividades práticas e o grupo pensasse em mudar padrões de reclamação para pensar mais em proposta, pudesse melhorar. Mas aí, ser ouvida é outra história.

Porque o coordenador parece ser ainda visto como dedurador, uma ameaça permanente ao diretor que tem cargo comissionado, se torna amiguinho dos técnicos e professores, o coordenador fica sem apoio, uma barata tonta, um repassador de informação ao invés de ser colaborador... Esse sentimento eu sinto desde quando entrei nessa rede a mais de oito anos.

Vou terminar por aqui, espero ter uma próxima vez!

Ass. Coordenadora Betânia



CARTA III.4 – Coordenadora Pedagógica Mª Hermínia Cantanhede C. Cardoso

São Luís, 26 de julho de 2020

Saudações querido caderno narrativo

Escrever sobre minha trajetória enquanto coordenadora pedagógico é voltar a um tempo em que os sonhos, o deslumbramentos permeavam o imaginário de alguém que acreditava e acredita até hoje: ser possível uma educação de qualidade para todas as crianças.

Há possibilidade de atuar na coordenação pedagógica, e, com crianças, se apresentou a mim nos idos de 2003. (Nossa! Já se foram 17 anos). E, para quem tem como uma de suas paixões o trabalho com crianças, a coordenação pedagógica em uma escola de Educação Infantil surge como a promessa de atuar junto a seres ávidos por aprender, mas, que em contrapartida, nos ensinam tantas coisas. Passados 17 anos, posso afirmar categoricamente, quanto aprendizado!

Os primeiros anos da minha atuação como coordenadora pedagógica na Educação Infantil foram um misto de perspectivas e choques de realidade, pois não se nasci coordenadora, nem tão pouco a academia assim nos faz. Nos imprimir esta função é o resultado da matemática da vida, o que é agrega paixão pela educação formação, o exercício construído dia a dia junto as crianças, professores e demais profissionais, e, a resiliência do trabalho em condições, por vezes adversas.

Contudo, devo deixar claro que os anos iniciais foram os do deslumbramento, sentia um profundo prazer no trabalho, arrisco-me a fazer a comparação com o namoro adolescente onde só se enxerga as flores, tudo é sonho tudo é romance muito embora as certezas quanto ao futuro seja inexistentes. Assim foram os primeiros cinco anos.

Considerando o que tem afirmado anteriormente de que não se nasce coordenadora assim como universidade não nos transforma em tal. Como se inicia está caminhada? A resposta a esta pergunta é tão difícil quanto a própria trajetória, mas começaria dizendo que essa trajetória se inicia caminhando, e essa caminhada se assemelha a uma viagem de avião, só que nessa viagem, não será passageiro, se é copiloto, muitas vezes comissária de bordo e até controladora de voo.

E essas viagens estão sujeitas ao mau tempo, as turbulências, e as demandas dos passageiros, e, ainda as exigências da companhia aérea. Assim sendo, o sucesso da viagem depende da sua habilidade, mas em grande medida da relação que é construída com a tripulação, pois esta é fundamental para sua atuação e consequentemente na construção do profissional que você pode vir a ser.

Destaco ainda nesse percurso de construção da coordenadora que me tornei, a importância da formação continuada, pois nela encontrei sustentação para buscar caminhos para minha atuação.

Para finalizar viva, posso novamente afirmar categoricamente, que a minha tripulação, minha equipe, imprimiu em mim a coordenadora que sou, que pode ter perdido o deslumbramentos dos primeiros anos mas que não perde a esperança de ver nossas crianças tendo garantido o seu direito a uma educação de qualidade.

Mª Hermínia Cantanhede C. Cardoso

CARTA III.5 - Coordenadora Pedagógica Tia Belonguina

São luís, 24 de julho de 2020

Saudações, querido caderno narrativo!

Falar da minha vivência na Educação Infantil, como coordenadora, realmente é abrir, entrar e interagir com histórias, pessoas, situações, espaços, incertezas... um baú que nos fará viajar no passado, mais precisamente na época em que iniciei como missionária de crianças, em 1990, aos 19 anos de idade, e com tantos sonhos e receios (casamento, filhos, profissão...)

Aos 19 anos de idade me deparei com a seguinte realidade: meus pais idosos, doentes e falidos com uma filha (eu) muito ativa e sem entender como agir nessa circunstância. Como lia a Bíblia desde criança, pois estudei em escola confessional, onde havia freiras tão queridas e, a palavra de Deus nos ordena cuidar e amar nossos pais, pois isso o agrada e faz de nós humanos mais felizes. A partir desse princípio tomei a decisão de adiar meus planos.

Como missionária de crianças, eu tinha um dia da semana em que ia cuidar delas. Com o passar do tempo fui sentindo a necessidade de aprender como esses seres lindos e em franco desenvolvimento aprendem, como se ensina, que recursos usar e quais as estratégias mais adequadas. Sendo assim, cheguei à conclusão que precisaria fazer um curso de pedagogia, mas como fazê-lo se não tinha como me ausentar dos cuidados com meus pais e nem condições financeiras?

Pensei .... Orei... E partir pra guerra dos livros! Quando chegava a noite eu me debruçava sobre os livros para estudar. E foi assim que, sem nunca ter entrado em um cursinho, passei em uma boa colocação para o curso de pedagogia. Que alegria! Que vitória! Que gratidão a Deus!

Mas calma aí!!! a saga estava apenas nas preliminares!

Passei para uma faculdade particular e cada final de mês um novo milagre para pagar a mensalidade! Livros não podia comprar e ganhava xerox de muitas pessoas da classe (grata a Deus por essas vidas bondosas). Bolsa não usava pois não tinha nenhuma. Roupas? tinha umas 3 já bem surradas. Sapatos? Não! Apenas um sapato dos mais baratos e que não era da moda! Esses detalhes considero importante para você que está lendo ter a certeza que dá pra vencer com esforço, determinação, resiliência e integridade!

Minha turma tinha exatos 82 alunos comigo é claro, desde o começo me dedicava para absorver o máximo na sala, a estudar os textos em casa e perguntar muito aos colegas que sabiam mais que eu! Mas os milagres foram acontecendo... Entrei em fevereiro na faculdade e em agosto estava de carteira assinada como professora de inglês em uma escola particular. Eram

apenas 2 dias de trabalho e somente no turno da manhã, ou seja, eu continuava com tempo para cuidar dos meus pais, estudar e agora ganhando um salário! Que alegria!

Fui aprendendo tantas coisas no curso, e cada dia me encantava mais! E algo me chamou a atenção! Li artigos e assisti documentários que mostravam a situação na rede pública de ensino, isso gritava dentro de mim! Ao fazer o estágio vi pessoalmente atitudes de despreparo, irresponsabilidades, e mais outras situações que não gostaria de citar!

Nesse momento comecei a traçar metas e a me preparar para fazer diferente, tanto na rede pública quanto na particular, onde já atuava! Trabalhei por quase 14 anos em escola privada como professora e sempre estudava, sentava nas primeiras cadeiras no dia das formações, questionava os preletores e assim era reconhecida como uma profissional exemplar! Mas meu plano era fazer um concurso e trabalhar na rede pública com o mesmo empenho, perseverança, pesquisa, estudo e prática que desenvolvia na escola privada.

Em 2001 logo no início de janeiro, fui chamada para ser professora em uma escola particular bem maior e mais exigente e ganhando 5 vezes mais. Trabalhava 5 dias na semana e nos dois turnos! Surgiu o primeiro concurso para a rede municipal, decidi fazer para coordenador, pois nessa época estava tendo muita infecção na garganta e assistir vários programas de televisão de histórias de professores com câncer ou outras doenças na garganta.

Creia, kkkkkkk, foi assim que decidi ser coordenadora em um turno e professora no outro turno! Não poderia mentir sobre isso! E fiz a escolha certinha!

Passei no concurso e fui chamada 5 anos depois! De início procurei escola de fundamental! Todas muito longe e mais uma vez, o cuidado com meus pais entram em ação! Eu já tinha condições de pagar uma pessoa que ficava durante o dia com eles mas às 17 horas ia embora! Como eu iria para uma escola na zona rural pegando 3 ônibus? Eu chegaria em casa quase 20 horas! Minha mãe não poderia ficar esse tempo todo, todos os dias sozinha, pois até pra beber água precisava que alguém buscasse e desse em sua mão!

Mais milagres! Um belo dia encontro com uma mãe de aluna da escola onde trabalhava e ela me perguntou se já estava lotada em alguma escola, eu disse que estava pensando em desistir pois não havia nenhuma por perto de casa! Essa minha amiga disse pra eu tentar me lotar em escola de Educação Infantil! Faltavam só 2 dias pra expirar o prazo de apresentação na superintendência e eu fui, e no mesmo dia surgiu uma escola a 10 minutos de casa! Uhuuu! Glória a Deus! A saga continua! Viver realmente é uma luta diária que traz crescimento e força, traz vida de verdade!

Gente, eu sempre amei ser educadora, em especial de crianças menores, mas desde a faculdade eu optei por fazer habilitação em administração escolar e planejei trabalhar um turno como coordenadora e outro como professora, por isso tomei a decisão certa na hora da inscrição do concurso!

Os primeiros dias na escola foram tensos! Mais precisamente o primeiro ano, não fui aceita com bons olhos! Fácil não foi, pois eu nunca tinha sido rejeitada nas 2 escolas particulares em que havia trabalhado! Sabem o que resolvi? Resolvi aquilo que aprendi na vida - luta só se vence quando se guerreia com as armas certas! E as nossas armas são os livros, as experiências exitosas dos colegas, a observação e o trabalho planejado, a conquista no olhar....

Tenho, que destacar de forma "intergaláctica" o quanto as formações continuadas de coordenadores da rede municipal foram divisor de águas para me aperfeiçoar !!!!

A partir do segundo ano de trabalho fui percebendo a diferença na minha postura e na receptividade da equipe! Vitória certa! A diretora tornou-se uma grande amiga, e é até hoje! As professoras foram interagindo comigo! Da equipe inicial, apenas uma continua na escola pois as outras estão aposentadas! Merendeira, pessoal da limpeza, todos foram sendo conquistados!! Falhas tenho, mas aprendi a corrigir, a reconhecer que sou imperfeita e incompleta, e sempre prossigo estudando, pesquisando, observando, ouvindo, testando, realinhando.....

E nessa dinâmica da vida, da minha vida fui aprendendo nos livros, lembrando que no início da jornada não tinha nem dinheiro pra comprá-los. Mário Sérgio Cortella fala algumas coisas que gosto muito: "A gente só encanta quando se encanta. Se eu não estiver encantado com o meu objeto de conhecimento, eu não posso encantar o outro"; "Faça o teu melhor na condição que você tem, enquanto você não tem condições, para fazer melhor ainda".

Ainda mergulhando nas profundezas da sociologia que comungo com Zigmund Balman:

"Não são as crises que mudam o mundo, e sim nossa reação a elas"

Está preparada / preparado para os próximos capítulos dessa aventura nas terras longínquas da educação!

Tia Belomguina

CARTA III.5.2 - Coordenadora Tia Belonguina

Ebaaaa!!!!!!! Amo falar por escrito, kkk, mas amo falar oralmente... na verdade desde pequenina sempre amei falar !!!!!

Só pra esclarecer: não restou nenhuma mágoa ou rancor ou ressentimento dessa equipe inicial pois como citei ela não é mais a mesma, mas, ainda que fosse eu estaria disposta a tratar com respeito e dedicação como tenho feito! Pra ser mais precisa dessa equipe inicial temos apenas 2 integrantes!

Bem, o ano foi 2006, eu considero oportuno frisar que eu estava com uma depressão muito forte por ter tido uma grande desilusão amorosa! Então, o cenário formado, era tudo que um profissional poderia ter pra desistir, sucumbir e realizar um trabalho medíocre ou pior, bem abaixo da média.

Mas eu fui forjada em tantas áreas da minha vida, desde cedo! forjar é preparar pra batalha, não é retirar as lutas ou ensinar a fugir! forjar é ter que lutar com as armas certas e pra vencer! lembro de acordar às 5 da madrugada para fazer o café simples pra mim e pra minha mãe e a colaboradora que ficaria com ela e me vestia com uma dor na alma, chorando e nem queria me olhar no espelho! logo eu que sempre fui tão vaidosa e segura de quem sou e de quem me deu vida, "Jesus". Nesses momentos eu realmente lembrava do que a bíblia ensina, lembrava da dor de jesus morrendo na cruz por mim e por você e então eu dizia pra mim mesmo: vou viver e um dia e essa dor vai passar! Essa saudade, essa solidão! e era assim que ia pra escola e ao chegar lá a recepção era fria, com olhar e palavras de não aceitação!

Eu aprendi na faculdade como coordenar e na escola particular onde trabalhei também observava e sabia o que um coordenador deve fazer. Mas ali na escola pública, com tantas problemáticas: educadores sem nível superior e sem a mínima vontade de estudar (não eram todos), profissionais em vistas à aposentadoria e que só falavam e esperavam isso, colegas que não demonstravam afetividade com as crianças... e nesse contexto estava eu! Pensar em desistir eu pensei várias vezes! me revoltar? sim e demais!

Gente eu comecei a lembrar do que havia estudado nos livros e também quando comecei a participar das formações de coordenadores eu me abria com algumas colegas e elas comentavam o mesmo, que não eram aceitas! O que fazer? Tracei um plano! não escrevi mas planejei o passo a passo na minha mente!

Curso de pedagogia vamos lá! eu não passei 3 anos apenas polindo a cadeira onde sentava estratégias: conquistar a equipe, mesmo destruída por dentro decidi amar e sorrir com todos; lembrar dos aniversários; produzir cartões em datas importantes; surpreender cada colega, da portaria até a merendeira; estudar livros sobre novas estratégias de gestão de pessoas; elogiar

os trabalhos e atividades desenvolvidas; e também sugerir e discordar quando necessário e de forma fundamentada, mas como não tinha livros, descobri que na escola tinha muito material e também recebíamos nas formações. Foi aí que detonei tudo que me aparecia!

Em janeiro de 2007, no primeiro dia de retorno da equipe, eu me percebi olhando diferente para o espelho e me produzindo com carinho! A depressão havia fugido de mim: sem remédios, sem consultas, sem fugas, um verdadeiro agir do Todo Poderoso! Foi justamente a partir dessa data que as coisas começaram a fluir em mim e na escola.

As colegas de trabalho começaram a me ver e me tratar diferente! Perceberam que eu sabia onde estava e como deveria coordenar! Foi incrível! Lembro muito bem desse momento e até da roupa que estava usando! Uma amiga de faculdade havia me presenteado com uma linda blusa pois ela sabia que eu quase não tinha roupas! Imagine uma blusa de cor, tecido e forma maravilhosa!

Lembranças tão importantes em meu percurso de vida que me fazem continuar! Melhorar a cada dia! agradecer a todo instante pelo dom da vida, pelo trabalho e salários; pelo ar que respiro; por cada abraço e olhar afetuoso das crianças que fazem parte dessa escola! E, meu maior combustível tem sido Deus!

Abraços, Tia Belonguina

CARTA IV.1 – Coordenadora Pedagógica - Emmanuelle Costa

Espaço da escola na Educação Infantil!

Já dizia o poeta “recordar é viver” ... e nesse sentimento de memória que registro algumas linhas de relatos sobre o breve tempo que transcorreu desde o dia em que me apresentei para trabalhar na UEB Santa Clara – Infantil.

Nada há que se compare a nossa própria experiência! E quem nunca se deparou com as incertezas de “começar” em um novo local de trabalho? Parece até atitude de criança mas ainda existem as tais “informações do novato”, no meu caso, da novata.

Ao chegar na escola, já sabia que algo a meu respeito já havia sido ventilado nos “bastidores”, pois ainda se tem o coordenador pedagógico como um fiscal direto da nossa secretaria. Aflição? Incertezas? Dúvidas? ... um pouco de tudo sim. Mas o foco era voltado completamente para a qualidade da educação ofertada na UEB e como o coordenador pedagógico pude contribuir para a continuidade de sua melhoria, não como alguém que sabe, alguém que possui uma fórmula mágica, mas essencialmente como alguém que abriu espaço para as audições de seus pares, com a devida sensibilização que cada um tem uma forma singular de interpretar a realidade e que devem ser respeitados nas suas limitações. Por outro lado, incentivados na sua competência e possibilidade, com empatia e muita solidariedade, no sentido real da palavra.

Esta UEB estava sem a contribuição de um coordenador a mais de oito anos e trabalhar o currículo a partir da BNCC seria um desafio que só poderia ser superado com a participação de todos. Eu diria que a conquista do grupo para uma participação ativa nas reuniões de Formação Continuada e de Planejamento fosse o desafio primordial. Mas a escola para ser acolhedora aos alunos tem que antes ser acolhedora aos professores e funcionários.

Assim, busquei elementos ilustrativos e atrativos para o grupo a fim de que fossem quebradas as rotinas estressantes e desinteressantes dos momentos formativos, apostando na contribuição direta de cada um e sempre com uma leitura poética como pano de fundo, que nos remetesse a uma reflexão sobre as nossas ações enquanto educadores infantis.

Após um ano de participação no grupo desta UEB, posso afirmar que aprendi muito mais do que ensinei e partilhei muito mais do que previ, pois a coesão dos profissionais dos dois turnos com espaços para audição dos professores e para os seus relatos científicos e também pessoais, oportunizou a valorização humana e profissional de todos com espaço para vez e voz. Também para o trabalho em conjunto por turma, agilizaram-se ainda mais a organização do currículo, da efetivação da Proposta Pedagógica da UEB, da operacionalização dos projetos didáticos e ações do processo de ensino e aprendizagem.

Tenho muita gratidão por ser acolhida de verdade, apesar do rótulo inicial (informações prévias de conduta profissional que têm sido trabalhadas arduamente para erradicação total desta prática nociva ao bom convívio em equipe). E também tenho orgulho de apreender com esta equipe de profissionais tão dedicados a sua lida diária junto às crianças de nossa escola.

Atenciosamente,
Emmanuelle Costa da Silva.

CARTA IV.2 - Coordenadora Pedagógica Betânia

São Luís, 18 de setembro de 2020

Oi querido Caderno Narrativo!

Aqui tudo bem! Mas muito preocupada com essa pandemia que parece não ter fim e nem querem terminar, pois deveriam dá remédios de vitamina para fortalecer a imunidade, um pras verminoses que não tem contra indicação; instituir água, sabão e uma pia com água na entrada de cada repartição pública e privada, mas muitos políticos se comprometem com laboratórios e deixam o povo à míngua. Aqui não tem mais nem hospital de campanha. Que situação!

E as escolas, muitas depredadas antes da pandemia, agora depois de todo o ano sem funcionar..., não sei como vamos voltar para trabalhar com as crianças. Acho que vai demorar!

Fico muito preocupada porque muitas famílias estão colocando as crianças em aulas de reforço, ou em escolas que obrigam as crianças a passarem a manhã toda em frente o computador.

Lembro, que quando cheguei na Educação Infantil a uns nove anos atrás, as crianças aprendiam as letras, faziam apresentações nas datas comemorativas, brincavam nas salas de aula, os brinquedinhos eram bem poucos, frutos de doações. E continua assim! Conheci algumas professoras que compravam brinquedos para sua turma e depois guardavam em seu armário no final do turno; outras colocavam as crianças para ficarem mesmo sentadinhas para "descansar"; algumas liam histórias; outras só tinham preocupação em deixar as crianças cobrindo letras a manhã quase toda. Assim ia a educação...

Lembro da secretaria dizendo por meio das formações que não era mais para ensinar as letras e nome da criança, porque agora era apenas para brincar e brincar muito. Foi um fuzuê! A gente imaginando como passar a manhã toda brincando com as crianças: o que as professoras iriam fazer; e a direção, acostumada com um ambiente mais silencioso, tendo que se acostumar com o "barulho" da brincadeira; ouvi comentários do tipo: "- essas crianças não sabem nada"; e para completar até zelador e porteira criticavam as brincadeiras dizendo que "- esses alunos passam a manhã sem fazer nada...". É complicado! Parecia que as coisas estavam sem rumo.

Se colocasse um cartaz de EVA nas paredes, era criticada pelas visitas técnicas, e se não colocasse era criticada pela direção e comunidade, até mesmo professores.

Eita situação!

Não podia ter atividade xerocopiada para as crianças, isso era desprezível! Mas os pais queriam atividades para casa, todas as minhas professoras também. Estava numa sinuca de bico! Porque no fim das contas, quem travava os principais conflitos, era mesmo eu, na coordenação tentando fazer o que se passava pela secretaria e vivendo outra realidade na escola.

Percebo mesmo, que muitas discussões foram necessárias sobre a Educação Infantil, mas muitas não foram bem encaminhadas: talvez pelo distanciamento da situação real da vivência nas escolas. Sabe, quando se tem uma roupa rasgada que precisa ser tirada, mas não tem outra para vestir!? Era assim que sentia a Educação Infantil com as orientações repassadas à escola, querendo uma roupa nova, mas que ainda não tem, estávamos ficando nus.

As formações são importantíssimas, sem elas acredito mesmo ser mais difícil se pensar e continuar trabalhando para melhorar essa educação. Mas até mesmo a formação também precisa ser melhorada a cada dia.

E agora com a pandemia? Nem escola agora temos! Uma saudade! Mas uma esperança de esses tempos nos faça pensar de como a Educação Infantil pode ser conduzida, com brincadeiras e outras atividades.

Termino aqui!

De sua colega coordenadora Betânia

CARTA IV. 3 - Coordenadora Pedagógica Silvinha

Cordiais saudações, caríssima colega,

Companheira de jornada na educação infantil!

Tempos difíceis estamos vivendo, tempos em que o aconchego de um abraço e de toques, se tornaram extremamente perigosos em determinadas situações. Nós que vivemos no universo da infância, onde crianças nos ensinam diariamente a importância da acolhida em forma de contatos físicos, temos que nos distanciar e usarmos máscaras que escondem até mesmo a delicadeza dos sorrisos e nossas expressões faciais.

Em outros tempos, quando a vida acontecia de forma mais presencial, com as pessoas mais próximas e sem as angústias e medos atuais, desembarquei, no universo da Educação Infantil, exatamente no dia 14 de outubro de 2009. Com muitas expectativas, trazendo na bagagem apenas experiências adquiridas no ensino fundamental e médio, com a imagem formada de que trabalhar na educação infantil seria demasiado fácil, sem as demandas inerentes aos adolescentes e jovens, me deparei com uma realidade completamente diferente: novos cenários, novas estruturas, novas demandas e novos personagens, sejam eles adultos ou infantis.

Acostumada com muitos espaços, corredores, salas disso e daquilo que compunham a realidade do ensino fundamental e médio, me vi adentrando um espaço de certa forma minimalista, em comparação as escolas em que desempenhava minhas funções até então. Me divertia vendo mobiliários e outros objetos tão diferenciados e cheios de coloridos, apesar de bastante gastos pelo uso através dos tempos, alguns até mesmo impregnados de ferrugem e cupins. Os cheiros que permaneceram na memória desse primeiro contato com a escola foram especificamente: um de lanche, temperos e café coado na hora e o outro de esgoto. Sim querida amiga, um esgoto a "céu aberto" oriundo da escola vizinha e que impregnava a lateral do corredor de salas onde estavam as crianças menores com um cheiro fétido e também com dejetos despejados ao ar livre. A solução veio através da velha e boa rede de relacionamentos, pois conhecia uma pessoa na secretaria que ajudou a resolver o problema que já se estendia por anos.

Agora meu tempo passou a se dividir entre dois turnos completamente diferenciados: no período da manhã, era da educação infantil, trabalhando numa escola onde da entrada já se vislumbrava o final, um corredor em forma de U, que com rápidas passadas, era percorrido e

no período da tarde, uma escola com diversos espaços físicos que para percorrer demandava tempo e esforço físico.

Chegando sem muitas pretensões à Educação Infantil, comecei a utilizar novamente minha rede de relacionamentos e passei a contar com o auxílio de colegas coordenadoras que já tinham um percurso na rede de ensino municipal e foram me orientando sobre a dinâmica do segmento de ensino e sobre os materiais utilizados: na organização da rotina o que era necessário constar; os cadernos de registo; os relatórios de aprendizagem das crianças; como fazer acompanhamento dos diários que ainda eram totalmente físicos; como organizar os planejamentos individuais e coletivos; pautas das formações continuadas das professoras, com demandas oriundas da secretaria de educação, aliadas à realidade da escola... Tudo muito novo e totalmente diferente do ensino médio.

Uma das minhas lembranças mais marcantes desse início na Educação Infantil, foi a falta de organização na parte administrativa, onde não se conseguia localizar documentos necessários para dar suporte ao trabalho pedagógico. Tudo era empilhado numa estante de ferro, sem identificação e de forma desordenada.

Outra lembrança, era a brinquedoteca, extremamente organizada com diversos tipos de materiais, livros e jogos pedagógicos, mas que não era liberada para utilização. Segundo palavras da gestora da época: "as professoras não tinham cuidado com os materiais e deixavam as crianças bagunçarem o espaço."

Não existiam murais na escola, a não ser os elaborados pelas professoras em sala de aula, onde constavam as chamadinhas, informações sobre o tempo, datas de aniversário das crianças. A exposição das produções das crianças era feita nas paredes internas das turmas e no exterior, nada lembrava que aquele era um espaço onde estudavam crianças, pois as paredes eram "nuas" e desprovidas de qualquer colorido próprio da infância. Nessa época, ainda existia nas escolas da Educação Infantil, o Infantil III, com crianças de 06 anos que iniciavam o processo de alfabetização, hoje específico do 1º ano do ensino fundamental.

Dando um salto no espaço-tempo ao estilo "De volta para o futuro", me localizo no ano de 2020 e percebo como as coisas se transformaram com a mudança de gestor e de muitos aspectos da Educação Infantil. A escola atualmente, apesar de ser um espaço mais virtual que presencial, passou por mudanças em sua estrutura física. Salas foram reordenadas, se tornando mais adequadas às atividades com crianças. As mesas e cadeiras foram substituídas por novas, mais apropriadas; os banheiros utilizados anteriormente (por todos os adultos), foram reformados, ganhando acessórios a serem utilizados apenas pelas crianças, o refeitório foi ampliada para dar condições de utilização pelas crianças (antes lanchavam nas turmas ou no pátio, por falta de espaço adequado). A brinquedoteca foi reformada e se torna um espaço mais adequado e utilizado pelas crianças.

Dando um salto no espaço-tempo ao estilo "De volta para o futuro", me localizo no ano de 2020 e percebo como as coisas se transformaram com a mudança de gestor e de muitos

aspectos da Educação Infantil. A escola atualmente, apesar de ser um espaço mais virtual que presencial, passou por mudanças em sua estrutura física. Salas foram reordenadas, se tornando mais adequadas às atividades com crianças. As mesas e cadeiras foram substituídas por novas, mais apropriadas; os banheiros utilizados anteriormente (por todos os adultos), foram reformados, ganhando acessórios a serem utilizados apenas pelas crianças, o refeitório foi ampliada para dar condições de utilização pelas crianças (antes lanchavam nas turmas ou no pátio, por falta de espaço adequado). A brinquedoteca foi reformada e se torna um espaço mais adequado e utilizado pelas crianças.

As paredes externas da escola ganharam vida. Agora, existem 02 murais específicos para informações gerais da Educação Infantil, voltados ao público adulto, onde são informados os projetos e atividades desenvolvidos pela escola, datas comemorativas, informes sobre reuniões de pais, entre outros. Ao lado de cada sala, um espaço é reservado às crianças, para exposição das produções de cada uma. Uma das atividades realizadas no ano de 2018, foi a pintura de uma das paredes do pátio pelas próprias crianças, com liberdade criativa para desenhar e pintar o que viesse a imaginação.

Hoje, em tempos remotos cada vez que estamos presencialmente na escola, percebemos a ausência de vida - vida infantil. Os corredores permanecem silenciosos e cada espaço antes impregnado pelo cheiro e ruídos característicos das crianças, se mantém em estado de espera, um eterno "há de vir" recheado de, como dizia Paulo Freire, esperançar em dias melhores. Esse silêncio tão impróprio e inadequado, ao mesmo tempo tão necessário nos dias atuais, nos enchem de saudades dos nossos pequeninos e dos seus eternos afagos na nossa alma. Educação Infantil é vida, é cor, é correria, é carinho... são pés e mãos inquietos... são olhos cheios de descobertas e de infinitas possibilidades de "ver e descobrir o mundo."

Aqui me despeço minha amiga, aguardando ansiosamente nosso próximo encontro carregado de memórias, cheiros e intermináveis descobertas da Educação Infantil.

Forte abraço e afagos na alma...

Silvia Tereza Martins Sousa (Silvinha)

Coordenadora Pedagógica saudosa do convívio e contato com os pequenininhos

CARTA V.1 - Coordenadora Pedagógica Betânia

São Luís, 14 de janeiro de 2021

Oí querido Caderno, saudades!

Vou bem e você? Então, essa é nossa carta final! Que pena! Eu gostava muito de lhe escrever!

Você me fez lembrar de muitas situações passadas como coordenadora pedagógica na escola. Muitas situações constrangedoras que afetaram meu trabalho, situações tristes que me fizeram querer desistir, mas muitas alegrias que renovaram meu querer continuar.

Como coordenadora, sempre fui vista pelas professoras como aquela que traz as tarefas e cobranças, e por mais que tivéssemos uma relação amigável era complicado: porque estava entre o professor e diretor, parecia que ambos exigiam que eu tomasse um lado, fosse de um partido. E quando as visitas técnicas resolviam aparecer eu não era incluída nas conversas, só se a direção mandassem falar comigo, de outra forma era ignorada, lógico, a pessoa mais importante da escola era mesmo o diretor. Gestão democrática? Só no papel. Eu coordenadora "servia" para passar recado do diretor, ou da insatisfação do professor.

As lembranças e essa parada para escrever dessas situações me fizeram ver: como o coordenador é muitas vezes subestimado na escola e como devo buscar mais respaldo para desenvolver minha função; como muitas coisas devem ser diferentes, podem mudar. Sinto que essa escrita, essas lembranças me fizeram refletir e repensar minhas atitudes. Pensar em fazer diferente, e pensar também como as relações na escola com coordenador, professor, diretor, funcionários, técnicos da secretária precisam se refazerem. É preciso pensar e rever as abordagens, as tarefas, as funções e sobretudo respeito sempre ao profissional. É verdade, acho que esse refletir é de certa forma uma porta para autoformação, porque posso reaprender comigo, com os colegas quando conversamos, escutamos, podemos também ensinar e o processo de formação entre os coordenadores, acho que ouvir, refletir e valorizar para agir é uma boa alternativa.

Caderno Narrativo, vou te contar... devo mesmo escrever mais, pensar mais, lembrar mais, não para remoer tristezas mas para refletir nas possibilidades de mudança.

Vou terminar aqui. Até mais, uma próxima!

Sua colega Betânia.

CARTA V.2 - Coordenadora Pedagógica Silvia Teresa Silvinha

Saudações cordiais e já saudosas, querida amiga e companheira de caminhada da Educação Infantil...

Nossa troca de correspondências tem servido para mim como um processo de ativação da memória afetiva de acontecimentos ocorridos ao longo da minha experiência profissional. Relembrar episódios ocorridos do início até momentos atuais da minha vida profissional tanto a nível do Ensino Médio, quanto da Educação Infantil, representa uma oportunidade de vivenciar experiências, algumas prazerosas outras angustiantes, mas todas de crescimento, tanto a nível pessoal quanto de coordenação pedagógica.

Nas escritas realizadas, nos registros feitos, sempre tive predileção por crônicas, por se tratar de relatos de acontecimentos do cotidiano e levei essa motivação para nossas correspondências. Cada cartinha recebida, me levava a determinados momentos que me faziam rever situações. As temáticas um tanto intimistas, apesar de seu cunho profissional, me levaram a uma análise de todo meu processo profissional.

Relembrar o início da carreira, os momentos em que tive que assumir de certa forma a função de líder de equipe, me trouxeram em certos momentos, lágrimas aos olhos, algumas de emoção, outras de alegria (dei boas gargalhadas, principalmente relembrando os contatos com as crianças).

Foram momentos de encontros do ontem com o hoje, e me trouxeram a percepção do quanto cresci pessoal e profissionalmente, pois para mim, não há desvinculação dessas duas vertentes em minha vida. Evidente que, ao rever certos episódios, hoje agiria de forma diferente, pelas experiências adquiridas ao longo dessa minha caminhada.

Um dos aspectos que com certeza mudaria, seria a interação com minha primeira gestora municipal, que agia de forma autoritária, sem deixar espaço para as sugestões da equipe.

Hoje com certeza me posicionaria de forma mais decidida, expondo argumentos que fizessem ela repensar suas ações. Hoje me sinto mais preparada a auxiliar os professores nas suas demandas e longe de ter chegado ao máximo que posso oferecer, ainda me considero uma eterna aprendiz dos caminhos da supervisão/coordenação pedagógica. Hoje, vivendo os tão propagados “novos tempos da educação”, em que o virtual assumiu um papel de destaque e temos que nos reinventar a cada etapa vivenciada, revejo meu passado com nostalgia e aquela saudade de tempos passados.

Nada substitui o contato, as interações do presencial, mas na impossibilidade de acontecer os encontros presenciais, busco na memória imagens que me fortalecem e me fazem perceber a importância de estar o mais próximo possível dos professores e alunos/crianças (me referindo aqui ao ensino médio e educação infantil).

As reflexões, as memórias afetivas desencadeadas por nossas correspondências, servem de gatilho emocional. Relembrar experiências iniciais e mais atuais das vivências presenciais nas escolas, servem de aprendizado para os tempos remotos. Fico imaginando os colegas coordenadores em início de carreira nesses tempos virtuais, onde os contatos próximos não são possibilitados. Eu, com certeza, teria dificuldades para desenvolver minhas atividades, pois como já mencionei em outros momentos, aprecio as interações humanas, as conversas onde "olho-nos-olhos" permitem um certo desvendamento de almas. Então, agradeço ter a oportunidade de estar nas mesmas equipes onde iniciei minhas experiências profissionais no ensino médio (1995) e educação infantil (2009).

Foi imensamente prazeroso esses nossos momentos de troca de correspondências. Através deles, pude relembrar tantos momentos da minha vida profissional e, em certas oportunidades, rever posturas e avaliar como está sendo essa minha caminhada como coordenadora pedagógica. Foram momentos de autoformação, pois sozinha diante do meu notebook, tendo ao lado tuas cartinhas que me incentivavam a reativar memórias, pude repensar práticas e perceber com certo orgulho pessoal, que estou trilhando o caminho certo e ter a certeza da escolha profissional confirmada em cada ação desenvolvida.

Sigo, como já mencionado, uma eterna aprendiz do papel do coordenador pedagógico e do ser humano e da importância de acolher o outro, seja em suas demandas pessoais ou profissionais.

Aqui me despeço, querida amiga, já saudosa das nossas conversas virtuais através das nossas cartinhas. Foi um imenso prazer dividir com vocês aspectos da minha vida profissional.

Abraços cordiais,

Silvia Tereza Martins Sousa, Silvinha

Coordenadora pedagógica por escolha e confirmação

CARTA V.3 - Coordenadora Pedagógica Tia Belonguina

Preciosa amiga educadora, Maria José

Se pudesse expressar com gestos ou palavras como me sinto ao fazer parte desse projeto de construção de saberes ao qual você é autora ativa e muito dinâmica, lúdica, carismática, persistente, ética e tantas outras posturas, enfim com um enorme potencial!!!!!!!!!!

> "Há esperança para o ferido como árvore cortado, marcado pela dor. Ainda que na terra envelheça a raiz e no chão abandonado o seu tronco morrer. Há esperança pra você! Ao cheiro das águas brotará. Como planta nova florescerá. Seus ramos se renovarão. Não cessarão os seus frutos. E viverás"
>
> (Ana Paula Valadão / ministério de louvor"diante do trono")

Essa canção soava aos meus sentidos de forma profunda durante muitos momentos de luta, dor, traições, solidão, desânimo e perdas, mas ela entrava em meu coração como um aviso do cuidado e amor de deus nos tempos difíceis.

As batalhas continuam, pois essa é a dinâmica da vida humana.

Durante o tempo em que lia, relia e pensava sobre o que iria escrever eu senti um turbilhão de coisas, de alegria, o saudosismo, de tristeza à gratidão, nossa!!! E com tudo isso percebia como cresci não somente para cima (fortalecendo minha conexão com o criador) mas também para os lados (relacionamentos construídos com amigos, colegas, família), para baixo (criando e fortalecendo raízes que me sustentem nas tempestades) e para dentro (eu comigo mesmo me amando, aceitando, metamorforseando para enfim chegar a tão esperada borboleta que voa , encanta e colore o ambiente apesar de toda fragilidade que lhe é peculiar).

Relembrar o que se viveu é um exercício enriquecedor pois nos ajuda e muito a refletir e poder mudar algo!!! Com certeza eu agiria diferente em algumas situações do passado!!! Mas até minhas falhas foram imprescindiveis para meu crescimento!!!

Ao rememorar esses momentos e registrá-los compartilhando-os com você e outras pessoas eu constatei como cada dia vivido foi um degrau no percurso da minha existência e que me levaram a ser o que sou hoje !!!

Se assim não fosse, que roteiro tão medíocre seria o da minha vida a ser relatado nesta vida!!!

O que passei tem servido e ainda servirá como referencial de superação para muitas outras pessoas!!

Concluo, por enquanto, trazendo o texto poético de Rubem Alves, “ostra feliz não faz pérola”.

Ostra feliz não faz pérola

Ostras são moluscos, animais sem esqueleto, macias, que representam as delícias dos gastrônomos. Podem ser comidas cruas, com pingos de limão, paellas, sopas. Sem defesas – são animais mansos -, seriam uma presa fácil dos predadores. Para que isso não acontecesse, a sua sabedoria as ensinou a fazer casas, conchas duras, dentro das quais vivem. Pois havia num fundo de mar uma colônia de ostras, muitas ostras. Eram ostras felizes. Sabia-se que eram ostras felizes porque de dentro de suas conchas saía uma delicada melodia, música aquática, como se fosse um canto gregoriano, todas cantando a mesma música. Com uma exceção: de uma ostra solitária que fazia um solo solitário.

Diferente da alegre música aquática, ela cantava um canto muito triste. As ostras felizes se riam dela e diziam: “Ela não sai da sua depressão...”. Não era depressão. Era dor. Pois um grão de areia havia entrado dentro de sua carne e doía, doía, doía. E ela não tinha jeito de se livrar dele, do grão de areia. Mas era possível livrar-se da dor. O seu corpo sabia que, para se livrar da dor que o grão de areia lhe provocava, em virtude de suas asperezas, arestas e pontas, bastava para envolvê-lo com uma substância lisa, brilhante e redonda.

Assim, enquanto cantava seu canto triste, o seu corpo fazia o trabalho – por causa da dor que o grão de areia lhe causava. Um dia, passou por ali um pescador com o seu barco. Lançou a rede e toda a colônia de ostras, inclusive a sofredora, foi pescada. O pescador se alegrou, levou-as para casa e sua mulher fez uma deliciosa sopa de ostras. Deliciando-se com as ostras, de repente seus dentes bateram num objeto duro que estava dentro de uma ostra. Ele o tomou nos dedos e sorriu de felicidade: era uma pérola, uma linda pérola.

Apenas a ostra sofredora fizera uma pérola.

Ele tomou-a e deu-a de presente para a sua esposa.

Isso é verdade para as ostras. E é verdade para os seres humanos. No seu ensaio sobre o nascimento da tragédia grega a partir do espírito da música, Nietzche observou que os gregos, por oposição aos cristãos, levavam a tragédia a sério. Tragédia era tragédia. Não existia para eles, como existia para os cristãos, um céu onde a tragédia seria transformada em comédia. Ele se perguntou então das razões por que os gregos, sendo dominados por esse sentimento trágico da vida, não sucumbiram ao pessimismo.

A resposta que encontrou foi a mesma da ostra que faz uma pérola: eles não se entregaram ao pessimismo porque foram capazes de transformar a tragédia em beleza.

A beleza não elimina a tragédia, mas a torna suportável.

A felicidade é um dom que deve ser simplesmente gozado. Ela se basta. Mas ela não cria. Não produz pérolas. São os que sofrem que produzem a beleza, para parar de sofrer. Esses são os artistas. Beethoven – como é possível que um homem completamente surdo, no fim da vida, tenha produzido uma obra que canta a alegria? Van Gogh, Cecília Meireles, Fernando Pessoa...

(Rubem Alves, in "Ostra feliz não faz pérola")

Tia Belonguina

CARTA V.5 - Coordenadora Pedagógica Maria Hermínia

Cara Maria José,

Atendendo ao seu pedido, lanço mais uma vez à mão à caneta, ou melhor, ao teclado para escrever o que me fora solicitado, descrever, em palavras, sobre o exercício da escrita de cartas sobre o meu exercício de coordenadora e, se isso motivou reflexões que me levassem a melhorar a minha prática profissional.

Ao pensar nessa escrita me vem à memória às palavras de Isabel Carillo quando ela afirma que:

> A escrita é, desse modo, um espaço de silêncio para lembrar a mudança e vislumbrar os rastros deixados, mas ao mesmo tempo, nos leva a projetar novos espaços imaginários à luz daquilo que já foi, do que é e do futuro que ainda é incerto porque não é. (Isabel Carillo,2001)

A escrita, por si só, é isso, espaço para lembrar a mudança, a partir dos rastros deixados pelo registro que serão a nossa memória no futuro. Após 18 anos como coordenadora pedagógica em escola de Educação Infantil, as lembranças de um tempo que se faz longe, mas, que, ao mesmo tempo parece tão próximo, foram resgatadas por meio de palavras escritas na forma de cartas.

Essas palavras trazem em si mais que um simples registro, elas se constituem como a trajetória de uma coordenadora que entre erros e acertos buscou, sobretudo, exercer a sua função. Não coincidentemente, o registro sempre foi um importante aliado no trabalho de coordenação.

O registro feito diariamente nesses dezoito anos é na verdade a minha história enquanto coordenadora pedagógica. No entanto, ao aceitar o seu convite para escrever cartas sobre a minha trajetória profissional, possibilitou-me a reflexão acerca da minha atuação. Perguntas como, qual era de fato a minha concepção de infância naqueles momentos? Agiria da mesma forma naquelas situações com o conhecimento e a experiência que tenho hoje?

Essas questões me vieram à mente durante a escrita das cartas a ti enviadas. Hoje, ao debruçar-me mais uma vez para fazer esta última carta, vejo o quanto elas me levaram à reflexão sobre a minha prática nesses 18 anos.

É isso o que o registro escrito nos proporciona, a escrita de cartas além de ser uma prática de escrita convencional (talvez com pouco uso atualmente), nos permite mergulhar dentro de nós mesmos, das nossas memórias e com elas a possibilidade de nos reinventar a cada dia.

Aqui me despeço de você agradecendo grandemente pela oportunidade de usar as palavras não apenas para discorrer acerca da minha prática enquanto coordenadora, mas, sobretudo, de refletir sobre ela.

Um abraço carinhoso desta coordenadora que muito a admira.

Maria Hermínia Cantanhede Coelho Cardoso
Coordenadora Pedagógica da UEB Jairo Rodrigues

CARTA V.4 - Coordenadora Pedagógica Emmanuelle Costa

Querida organizadora do Caderno Narrativo

Com satisfação e alegria venho contribuir com humildes relatos para esse Caderno Narrativo que se tornou um espaço valioso de partilha de sentimentos e de vivencias pessoais da minha participação na equipe pedagógica da UEB Santa Clara -EI onde atualmente partilho ações como coordenadora pedagógica.

Nas minhas narrativas anteriores sempre rememorei os momentos sobre os quais descrevi e com intuito de transmitir a realidade a ponto de envolver o leitor do Caderno Narrativo... Sim! Refleti e emergi nas situações sobre as quais experienciei na escola e, sempre faço essa dinâmica paradoxal entre o vivido no começo e o que estou presenciando no momento. Uma espécie de auto avaliação embasada em teorias que envolvem relações interpessoais, competências socioemocionais, teorias de aprendizagem infantil relacionadas a nova BNCC -EI que se constitui como a Carta Magna da Educação no Brasil.

Se ignoramos as necessidades das crianças e os incentivos que são eficazes para colocá-la em ação, nunca seremos capazes de entender o avanço de um estágio de desenvolvimento para o outro, porque todo avanço está conectado com uma mudança mais acentuada nas motivações, tendências e incentivos como defende Vygotsky (1999).

Esses relatos gerais e também pessoais sobre as minhas ações como coordenadora, que envolveram desafios com os quais me deparei e continuo a me deparar, se tornaram os impulsionadores das minhas competências, por me fazer ler mais, estudar mais e sentir também mais a equipe, as crianças e a partir dessas audições e sensibilizações, criar e recriar novas estratégias de alcance e de envolvimento de todos, compreendendo suas limitações e condições (materiais e imateriais) para então motivá-los a valorização pessoal do seu trabalho, das suas produções e reflexos sobre os seus pares tanto na equipe pedagógica quanto na turma e mesmo na escola e com a comunidade.

O essencial, neste trabalho com e para pessoas, é o despertar da sua consciência profissional e seu lugar no mundo e a sua marca na vida das pessoas com as quais interagem, no suporte da reflexão de que não fazemos milagres espirituais, mas quem sabe na mobilização de todos possamos criar condições de continuidade de interesses de crescimento pessoal e

profissional positivo e mudança na sua qualidade de vida que implica também na influência e desejo de qualidade de vida aos que estão a nossa volta?

Carl Jung já dizia: [...]conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar a alma humana, seja apenas outra alma humana!

Assim, reitero o aprendizado nestes breves registros e afirmo a importância de termos um suporte pessoal nesse modelo para sempre reavaliar as práticas e alcances, uma vez que aprendemos na vida que o tempo é um valioso aliado para as nossas organizações profissionais e pessoais, e, respeitá-lo consiste em estar antenado aos fenômenos que o envolvem, sem no entanto, desprezar fatos passados que tiveram seu peso e importância, pois todos trazem aprendizados: uns a seguir, outros a se manter em alerta e outros a se rememorar alegremente... mas nunca esquecendo de que ele conta pra frente e nunca para trás e o tempo realmente não para! E nós também não devemos parar!

Agradeço a rica oportunidade!

Emmanuelle Costa da Silva. Coordenadora da UEB Santa Clara – EI

... ARREMATE FINAL ...

O prazer de conhecer o outro; ouvir suas histórias; identificar aprendizados; compartilhar saberes e fazeres; reconhecer dificuldades e desafios; possibilitar reconstruções, pensar de novo; refletir e se autorrefletir; identificar experiências; rememorar vivências; conhecer reminiscências; superar obstáculos; refazer direcionamentos; escolher caminhos; ponderar, evidenciar, familiarizar-se com realidades diferentes, semelhantes; socializar consigo e com pares, iguais ou não, é o que nos torna mais humano, mais sensíveis, mais históricos, mais culturais, mais conscientes e mais gente...

Não queremos concluir, porque as narrativas autoformativas são inconclusas, há sempre a possibilidade de serem revistas, revisitadas, rememoradas a partir do dito e do não dito.

Chegamos até aqui, abraçando a experiência fabulosa de ouvir e se ouvir, expectando que as sugestões propostas neste Caderno Narrativo sirvam de apoio, interesse, parceria no processo formativo do coordenador e depois do professor e assim chegamos a todo e qualquer educador em qualquer etapa de educação formal ou informal.

Um abraço Pedagogicamente GRANDE!

Profa. Maria José de Melo e Alvim Aguiar

Para finalizar, nos resta pensar para recomeçar...

E, como diz Manoel de Barros:

"Agora

não quero saber mais nada,

só,

quero aperfeiçoar o que não sei."

Manoel de Barros (2008, p. 139)

Imagem: Jane Massey
Fonte: Instagran - janemasseyillustration

REFERÊNCIAS

AMARAL, Tarsila do. **COSTUREIRAS**. In: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra2487/costureiras>. Acesso em: 02 de Mar. 2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

BARROS, Manoel de. **Fontes**. Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

BARROS, Martha Barros. **Iluminuras: Fontes**. Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Obras escolhidas. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. V.1; 3ªed., São Paulo: Brasiliense, 1987.

CAMPOS, Patrícia Regina Infanger. **Ensinar e Aprender: coordenação pedagógica e formação docente**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

CUNHA, M. I. da. **Conta-me agora!: as narrativas como alternativas pedagógicas na** pesquisa e no ensino. Rev. Fac. Educ., São Paulo, v. 23, n. 12, jan. 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-.

DALÍ, Salvador. **A Persistência da Memória (1931)**. Disponível em: https://www.culturagenial.com/a-persistencia-da-memoria-de-salvador-dali/. Acesso em: 8 de out 2020.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em Processo**. 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra [on-line], 1978.

GRACO; SILVA, Caio. **Noturna (Música)**. Disponível: https://www.letras.mus.br/fagner/45935/. Acesso em: 05 out 2020.

KRAMER, Sonia. **Linguagem, cultura e alteridade. Para ser possível uma educação depois de Auschwwitz, é preciso educar contra a barbárie**. Enrahonar, Barcelona, v. 31, p. 149-159, 2000.

PAVIANI, Neires. M. S.; FONTANA, Niura Maria. **Oficina pedagógica: relato de uma experiência**. Revista Conjectura: filosofia e educação, v. 14, n.2, 2009. Disponível: http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/16.

PESSOA, Fernando. **Como é por dentro outra pessoa?**. Poesias Inéditas (1930-1935). Editora Ática. 1055. Disponível em: https:// sonetosdalma.com/como-e-por-dentro-outra-pessoa-fernando-pessoa/.

PIZZIMENTI, Cris. **Sou feita de retalhos**. 2013. Disponível em: https://www.pensador.com/frase/MTk5NTA1Mg/. Acesso em: 05 out 2020.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. Casa da Palavra. 1ª ed., 2015.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. *In*: NASCIMENTO, AD.; HETKOWSKI, TM. (Orgs.) **Memória e formação de professores** [on-line]. ISBN 978-85-232-0484-6. Salvador: EDUFBA, 2007. Disponível: fromSciELOBookshttp://books.scielo.org.

SOUZA, Elizeu Clementino; FORNARI, Liege Maria Sitija. **Colégio Nossa Senhora do Carmo: memória, história institucional e representações sobre a formação docente**. In: FERRAZ, Jaci Maria et al. Educação na Bahia: memória, registros, testemunhos. Salvador: EDUNEB, 2005.

SOUZA, Elizeu Clementino de.; ALMEIDA, J.B. Narrar histórias e contar a vida: memórias cotidianas e histórias de vida de educadores baianos. In: ABRAHÃO, Mª Helena M. Barreto. **Pesquisa (auto) biográfica em rede**. Natal: Coedição: EDUFRN, UNEB, ediEPUCRS – Porto Alegre, 2012.

SOUSA, Maria Goreti da Silva.; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. **A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores**. **Horizontes**, v. 33, n. 2, dez. 2015. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/149>.

SPODE, Elsbeth Becker. **A Perspectiva do Tempo, a Partir da Obra 'A Persistência da Memória" de Salvador Dalí, e sua Relação com o Trabalho e o Turismo**. 2012.Amais do VII Seminário de Pesquisa do MERCOSUL. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_7/arquivos/03/01_51_39_Spode.pdf

Maria José de Melo e Alvim Aguiar

Mestrado em Gestão do Ensino da Educação Básica. Especialista em Coordenação Pedagógica. Docência na Educação Infantil. Gestão Educacional e Informática na Educação,
Mas, acima de tudo mulher, filha, mãe, cristã, amiga, colega, esposa, adulta, criança, doméstica, profissional, professora, aluna, coordenadora, profissional e mais umas coisitas ...

alvim.ufma@gmail.com

Maria José Albuquerque Santos

Professora e orientadora – UFMA
Pós-doutorado e Doutorado em Educação. Mestrado em Educação.

Mãe; avó; bisavó; companheira; amiga; estudiosa; trabalhadora; generosa; rizomática e tantas coisas mais ...

mariaalbuquerque@ufma.br

Projeto Gráfico e Diagramação:
Maria José de Melo e Alvim Aguiar
alvim.ufma@gmail.com